

29363FH

SOCIEDADE

DOS

ARCHITECTOS PORTUGUEZES

(ASSOCIAÇÃO DE CLASSE)

(FUNDADA EM 11 DE DEZEMBRO DE 1902)

ANNVARIO

≡ MCMVI ≡



ANNO II

LISBOA

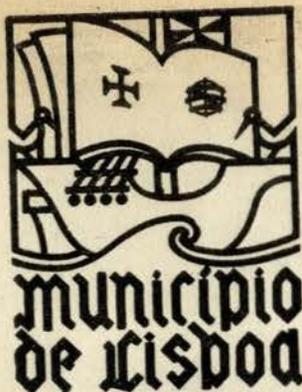
TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO

T. do Sacramento ao Carmo, 3 a 7

1906

SOCIEDADE

PORTUGUEZES



CORP

906-1907

Meza da assembléa geral

PRESIDENTE — *José Luiz Monteiro*
VICE-PRESIDENTE — *Miguel Ventura Terra*
1.º SECRETARIO — *José Alexandre Soares*
2.º SECRETARIO — *Tertuliano de Lacerda Marques*

Conselho director

PRESIDENTE — *A. R. Adães Bermudes*
THESOUREIRO — *Adolpho Marques da Silva*
SECRETARIO — *Francisco Carlos Parente*
VOGAES — { *Evaristo Gomes*
 { *Alfredo M. Costa Campos*

BIBLIOTHECARIO — *João Lino de Carvalho*

Commissão redactora do «Anuario»

Alfredo d'Ascenção Machado
João Lino de Carvalho
Alfredo M. Costa Campos

SÉDE SOCIAL

RUA VICTOR CORDON, 14, 1.º

LISBOA

C-69

18019
7

67V

Registo N.º 367/
798

101

Robert M. DeF.

1888



AO LEITOR



O voto de louvor com que fomos distinguidos em sessão de assembléa geral de 24 de julho de 1905, a nossa reeleição para a comissão redactora do presente annuario, bem como o bom acolhimento que o nosso despretencioso livro teve de varias collectividades e da imprensa, são gentilissimas provas de amabilidade que registâmos envaidecidos; não porque estejâmos convictos do valor da nossa competencia, mas sim pela missão grandiosa que ella traduz para a nossa classe e para a Sociedade dos Architectos Portuguezes.

Fascinados pelo bello ideal de conquista, influenciados por essa luz brilhante da civilisação, pelo engrandecimento da Arte, acceitâmos a honrosa tarefa de editar o segundo numero do nosso annuario relativo ao corrente anno de 1906.

N'esta lucta gigantesca de aspirações, todos nos empenhâmos, todos os nossos collegas são unanimes em cooperar no desejo enthusiastico de alcançar na sociedade portugueza o logar proeminente d'uma classe que envida os seus esforços para se tornar um factor do engrandecimento geral do paiz.

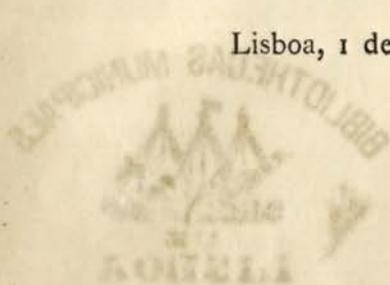
Se isoladamente os nossos trabalhos podem apenas attestar os nossos intimos desejos, collectivamente este modesto repositório da nossa applicação associativa é o porta-estandarte da nossa vida social. E' por meio d'elle que nos conduzi-mos junto das outras collectividades, que lançâmos no mundo intellectual a pequena parcella da nossa actividade procurando marchar na vanguarda do progresso da humanidade atravez os seculos.

Apesar de dominados por esta ordem de idéas todo o trabalho da commissão redactora será talvez insufficiente para realisar tão grandiosa tarefa. O que nos animou foi principalmente a util cooperação de todos que se interessaram

pelo desenvolvimento da nossa publicação, pois sem ella não poderiamos acceitar o encargo que tanto nos honrou. Registrando, pois, como um justo preito de homenagem o nosso reconhecimento a todos que directa ou indirectamente contribuíram para os bons resultados do primeiro numero do nosso annuario, resta-nos afirmar que se este não attingiu o exito que desejavamos é porque os recursos d'esta commissão não poderam mais conseguir, tanto pelas exigencias de uma primeira publicação, como pela escassez de faculdades especiaes para tão elevado fim.

Lisboa, 1 de novembro de 1906.

A COMMISSÃO REDACTORA



ANNUARIO

DA

Sociedade dos Architectos Portuguezes

(ASSOCIAÇÃO DE CLASSE)

SUMMARIO = I **Anno associativo** — 1905-1906 — *Assembléa geral*: Extracto das actas das sessões. — *Conselho director*: Relatorio. — *Commissão Revisora de Contas*: Parecer. — *Bibliotheca*: Relatorio. = II **Biographies**: José Geraldo da Silva Sardinha, por A. B. = III **Interesses geraes de classe**: Serviços de architectura. Representação ao governo. = IV **Assump-tos technicos**: As novas edificações de Lisboa, por J. L. Monteiro (architecto). — Premio Valmór, 1902 a 1905 — Sociedade Nacional de Bellas Artes. Séde social. Salão de exposições (concurso) — Evolução geral da architectura em Portugal (Estudo sobre a), por Ad. Marques da Silva (architecto) — A habitação, por J. Lino de Carvalho (architecto) = V **Legislação**: Legislação portugueza sobre edificação, por A. d'Ascensão Machado (architecto). = VI **Varia**: Emblema associativo — Saneamento moral, por J. Lino de Carvalho (architecto) — VII Congresso internacional de architectos, por J. Alexandre Soares (architecto) — Pro Labor — Educação operaria, por A. M. Costa Campos (architecto) — Excursão a Evora — Supplemento.

I—ANNO ASSOCIATIVO

1905-1906

ASSEMBLEA GERAL — Extracto das actas das sessões

Sessão de 29 de agosto de 1906.

Presidencia de Ventura Terra, secretariado por José Alexandre Soares e Tertuliano de Lacerda Marques. — Lê-se e approva-se a acta da sessão anterior. — Justificação de faltas de socios que por motivos imperiosos não puderam assistir á sessão. — Discute-se largamente o concurso aberto para pensionistas do legado Valmór, resolvendo-se conferenciar com o conselho da Escola de Bellas Artes de Lisboa sobre o assumpto. — São admittidas, discutidas e approvadas tres propostas do socio Tertuliano de Lacerda Marques sobre «o melhoramento da esthetica da cidade», «conferencias publicas sobre arte» e «exposições annuaes de architectura». — Trocam-se impressões sobre uma reforma do ensino de architectura em Portugal. — Lavra-se na acta, por proposta do socio Antonio do Couto, um voto de sentimento pela morte da mãe do consocio Francisco Soares Parente. — A Assembléa applaude a resolução do Conselho

Director de ter incumbido o esculptor Simões d'Almeida (sobrinho) de modelar e cunhar o emblema associativo e auctorisa, em conformidade com os estatutos, a verba para o pagamento d'esse trabalho. — O thesoureiro do Conselho Director, Adolpho Antonio Marques da Silva, apresenta as contas da gerencia do anno findo e como se encontra ausente o secretario, lê o relatorio dos trabalhos associativos. — Elege-se a Commissão Revisora de Contas, que ficou constituida pelos socios Alfredo d'Ascensão Machado, Evaristo Gomes e J. P. Ferreira da Costa.

Sessão de 13 de setembro de 1906.

Presidencia de Ventura Terra, secretariado por José Alexandre Soares e Tertuliano de Lacerda Marques. — E' lida e approvada a acta da sessão anterior. — Justificação de faltas de alguns socios que não podem comparecer á sessão. — Discutem-se varios assumptos referentes ao segundo numero do boletim. — Resolve-se estabelecer como principio que as commissões associativas só tenham que se entender directamente com o Conselho Director. — Toma-se conhecimento do resultado da conferencia com o Conselho Escolar da Academia de Bellas Artes de Lisboa, sobre o concurso para pensionistas do legado Valmór, resolvendo-se chamar toda a attenção do Conselho Director para o assumpto, attendendo á sua especial importancia. — E' lido pelo socio Evaristo Gomes, relator da Commissão Revisora de Contas, o parecer d'esta. — Approva-se o parecer, assim como um voto de reconhecimento ao bibliothecario, o socio João Lino de Carvalho, pelos serviços prestados á Associação. — São approvadas, por unanimidade, as propostas exaradas no relatorio do bibliothecario e que dizem respeito á dotação para a bibliotheca. — Realizam-se as eleições dos corpos gerentes para o anno economico de 1906-1907, que dão o seguinte resultado:—*Assembléa Geral*, presidente, José Luiz Monteiro; vice-presidente, Miguel Ventura Terra; 1.º secretario, José Alexandre Soares; 2.º secretario, Tertuliano de Lacerda Marques. *Conselho Director*, A. R. Adães Bermudes, Francisco Carlos Parente, Adolpho Antonio Marques da Silva, Alfredo Maria da Costa Campos e Evaristo Gomes.

F. C. P.

CONSELHO DIRECTOR — Relatorio

SENHORES :

Terminado o mandato do Conselho e em cumprimento do artigo 16.º dos estatutos, foi elaborado o presente relatorio dos trabalhos mais importantes de que nos occupámos e que sempre diligenciámos tornar proficuos, correspondendo assim á manifestação de confiança com que nos distinguistes ao confiar-nos a direcção da Sociedade.

Mais um anno é passado e com satisfação annunciámos que a nossa agremiação tem tido um desenvolvimento tão animador, que permite agourar-lhe um futuro brilhante, elevando-a ao logar eminente a que tem direito e que com todo o enthusiasmo lhe ambicionámos.

Muito se tem alcançado já, mas muitissimo ainda ha para conseguir.

Quem comparar o conceito em que era tida a classe dos architectos portu- guezes ha uma vintena de annos, apesar da boa vontade de profissionaes illustres que então existiam, com o que actualmente lhe é tributado, não pôde deixar de reconhecer que muito se tem avançado e que immensos teem sido os esforços empregados para fazer comprehender qual a importancia da nossa missão civilisadora e o valor incontestavel da nossa profissão no engrandecimento moral e economico do paiz.

Não nos deixêmos, comtudo, adormecer sobre os louros colhidos; é necesario continuar n'um trabalho sem descanso, já propagando e desenvolvendo o gosto artistico na população inculta, já conquistando um a um os direitos que nos pertencem e que, tão indevidamente, teem andado dispersos por estranhos que, pela indifferença e pouca civilisação do nosso meio, já se julgavam, em prejuizo geral, com direito a elles.

Dia a dia mais urgente se torna uma actividade constante, um forte espirito de combatividade e perseverança, um amor ardente a esta collectividade, de que temos que nos orgulhar e a cuja bandeira nos devemos acolher, porque será ella que marchará na vanguarda para a reivindicación das regalias tão nossas e de que tão injustamente estamos desapossados.

Muitos factos se passaram durante o anno em que dirigimos os negocios collectivos, a que dedicámos toda a attenção e cuidados, mas que, apesar de trabalhosos, não serão nomeados no presente relatorio por os classificarmos de exclusivo character administrativo e de organisação associativa.

E' nosso desejo tornar quanto possivel resumido o relato dos nossos actos sem prejuizo, comtudo, da materia a expor, no intuito de não cançar a attenção da assembléa com assumptos de secundaria importancia.

No entanto, aquellas das resoluções que d'alguma fórma representem encargos financeiros, ainda que temporarios, serão descriptos para mais facil se tornar a sua percepção nos mappas de receitas e despezas que acompanham este relatorio.

—Estando no animo de todo o Conselho o grande alcance moral e material da proposta do nosso collega Adães Bermudes para a organização d'uma commissão de propaganda e defeza da arte nacional, foram iniciados trabalhos para a sua fundação, convidando-se para assumirem a presidencia e secretariado os srs. Ramalho Ortigão e José de Figueiredo, duas entidades preponderantes no nosso meio intellectual e que teem dedicado as suas reconhecidas aptidões ao estudo critico da arte patria. Realisaram-se algumas reuniões preparatorias com a presença d'aquelles senhores, que acceitaram o convite feito, mas que, infelizmente, por questões ponderosas tiveram que suspender a sua collaboração nos trabalhos, razão porque estão addiados, devendo recommençar com a publicação dos estatutos, que ficaram a cargo do sr. Adães Bermudes, e com um manifesto ao paiz, de cuja elaboração está incumbido o sr. Ramalho Ortigão.

Attendendo á sua excepcional importancia pelo que promete para o desenvolvimento da arte nacional e pelo que representa de salutar para a civilisação do paiz, esperamos que os nossos successores continuarão occupando-se do assumpto, que se tornará, sem duvida, por causas comprehensíveis, de difficil e demorada execução. Lastimavel é que tal facto se dê, considerada a necessidade urgica de pôr um termo ao descabro inqualificavel de que teem sido victimas as nossas reliquias artisticas.

—Attendendo á necessidade de regularisar no nosso paiz, ainda que com o character particular e associativo, alguns assumptos de grande transcendencia para a architectura nacional e que, infelizmente, na sua maioria, são materia completamente desconhecida no nosso meio, resolveu o Conselho distribuir pelos seus membros o estudo de varias theses, taes como: Conservação de monumentos, Ensino de architectura, Ensino dos operarios da construcção civil, Direitos de propriedade artistica, Regulamentos administrativos sobre edificações, Series de preços da construcção, e Congressos, exposições e excursões de estudo, que depois de collectivamente discuidas serão tornadas publicas, chamando-se assim a attenção dos poderes constituídos para assumptos de que é preciso cuidar e cuja legislação é da maxima conveniencia promover.

Todos estes trabalhos se encontram em relativo estado de adeantamento e merecerão certamente os cuidados do Conselho que nos succeder.

—Tambem o Conselho se occupou do estudo de medidas que possam evitar a continuação do que se passa na cidade de Lisboa com referencia á construcção de edificios sem os mais rudimentares principios de esthetica, isentos por completo da mais infima particula de bom gosto, e que teem convertido a capital do paiz, tão ostensivamente dotada pela natureza, na mais anti-esthetica e mal cuidada das capitães do mundo civilisado.

Depois de aturado estudo chegou-se á conclusão de que o systema que mais adequado se tornava para resolver o desideratum na actualidade, era o da organização d'uma comissão artistica junto da Camara Municipal, com poderes para approvar ou rejeitar os projectos sob o ponto de vista esthetico, dos edificios que se pretendam construir na cidade e cuja approvação seja da alçada municipal, visto que sob qualquer outro aspecto o municipio tem já os seus serviços organizados.

Para a realização d'este momentoso assumpto, varios trabalhos e negociações ha feitas que a seu tempo serão do conhecimento publico.

—Em alguns casos officiaes, que diziam respeito á nossa profissão, teve o Conselho de intervir, figurando no primeiro plano o concurso que o Ministerio da Justiça pretendeu abrir entre os architectos portuguezes para a confecção de projectos destinados ás cadeias civis da cidade do Porto.

Constando a abertura do concurso, representámos desenvolvidamente ao titular da respectiva pasta, pedindo-lhe a inclusão no programma de varias clausulas, de forma a ficarem garantidos os direitos dos concorrentes. Infelizmente, todas as diligencias empregadas não produziram o effeito devido, por se não ter até hoje aberto o concurso, ficando assim prejudicada a idéa louvavel que pretendia destruir as prisões actuaes que teem as mais perniciosas condições de salubridade.

—Tambem o Conselho, como os seus antecessores, representou aos titulares da pasta das Obras Publicas, instando por uma reforma equitativa e justa do quadro dos architectos d'aquelle ministerio, terminando de vez com o cahos em que teem vivido os serviços de architectura no paiz, com prejuizo inestimavel da arte e da economia nacional.

Esperanças fundamentadas podêmos alimentar de que, attendendo á justiça da causa porque esta sociedade tem pugnado, na proxima reforma dos serviços d'aquelle ministerio, serão consideradas as nossas reclamações, ficando bem definidas as attribuições dos seus funcionarios technicos.

—Protestos continuados por insufficiencias no actual regulamento para o serviço de inspecção e vigilancia para segurança dos operarios nos trabalhos de construcção civil, instigaram o governo a nomear uma comissão com o fim de estudar a organização de um novo regulamento, tanto quanto possivel isento de deficiencias e em harmonia com as justas e attendiveis exigencias dos reclamantes.

Para fazer parte d'essa comissão, a que está submettido um trabalho de tanta responsabilidade, e que é composta de representantes do governo e de varias associações, foi convidada a nossa sociedade a nomear um delegado, recahindo a escolha do Conselho no sr. Adães Bermudes, que continúa ainda no desempenho da sua missão, de que vos apresentará, em tempo competente, um relatorio circunstanciado.

—A publicação do primeiro numero do nosso annuario é sem duvida um facto

que nos deve regosijar, não só pelo esforço associativo que representa, attendendo ao exiguo tempo de existencia d'esta Sociedade, como pelo acolhimento benevolo do publico, imprensa e mais entidades a quem foi enviado, que, sem excepções, foram d'uma delicadeza extrema para com a nossa publicação.

E regosijar-nos devemos tambem pela fórma correcta da sua elaboração despida de pretensões e promettedora de maior desenvolvimento, que será um facto, depois de desaparecidas as hesitações attendiveis e vulgares no começo de publicações de toda a natureza.

Para a commissão redactora do boletim, todos os encomios da nossa parte serão poucos, do que já demos conhecimento n'uma das sessões do Conselho; faltando, no emtanto, propor á vossa sancção um voto de louvor e agradecimento pela forma brilhante como se desempenhou da ardua missão de que foi incumbida.

—A excursão associativa annual que, por motivos justificaveis se não realisára no anno anterior, foi no mez de maio do corrente levada a effeito á historica e artistica cidade de Evora, que se deve enfileirar na vanguarda das nossas preciosidades artisticas. A excursão realisou-se nos dias 27 e 28 do referido mez e n'ella tomaram parte grande numero de consocios e suas familias.

Dispensamo-nos de encarecer quanto de utilitario e educativo teem estas excursões de estudo e quanto de proveitoso para os architectos portuguezes é o conhecimento dos valiosos edificios architectonicos do seu paiz. Estão no animo de todos essas vantagens e só nos resta fazer votos pela realisação do maior numero possivel d'essas visitas aos monumentos preciosos, que se encontram dispersos pelo paiz e cuja historia urge fazer.

Antes de terminarmos, porém, a referencia a este facto, não desejamos deixar de mencionar que varios membros do Conselho se promptificaram a realizar conferencias sobre alguns dos edificios visitados, prestando-se egualmente a fazer monographias, que serão publicadas no nosso boletim.

—Da direcção da Sociedade Nacional de Bellas Artes, foi recebido um convite para o Conselho promover a adhesão de todos os seus consocios ao concurso aberto por aquella prestimosa Sociedade para a elaboração de projectos para o edificio da sua séde social.

A este louvavel emprehendimento, que deve ser recebido com entusiasmo por todos as artistas portuguezes, adheriu o Conselho com satisfação, convidando todos os seus consocios a collaborarem em tão sympathica iniciativa.

Não foi no emtanto, o concurso tão disputado como era desejo geral, sendo devido este facto a deficiencias do programma na parte relativa ao tempo estipulado para a confecção dos projectos, que era reduzidissimo, do que este Conselho preveniu a sympathica direcção da Sociedade, que por motivos imperiosos não pode acceder aos desejos expostos.

—Varios assumptos de character administrativo, como já se disse, attrahiram

os cuidados do Conselho e um dos principaes que lhe mereceu toda a attenção foi a resolução definitiva da factura do emblema associativo.

Para colligir idéas e dentro dos seus principios de concursos, convidou todos os socios da Sociedade a enviarem croquis do que julgassem dever ser o referido emblema. Dos seis projectos que appareceram ao nosso appello, todos de reconhecido merito, foi escolhido, por mais se coadunar com a idéa geral, o de que é auctor o nosso collega do Conselho A. A. Marques da Silva.

Presentemente está incumbido de modelar e cunhar a medalha o distincto esculptor Simões d'Almeida (sobrinho) que por exigencias technicas tem tido necessidade de fazer alterações na composição primitiva, com pleno consentimento do auctor e do Conselho.

Podêmos, pois, com prazer communicar-vos que muito em breve deve ser um facto o que tem sido objecto de varios estudos e tentativas.

—Tambem se resolveu por proposta apresentada pelo nosso prestante consocio Lino de Carvalho, elaborar um cadastro associativo, ficando assim possuidora a Sociedade d'um repositorio de bellos elementos que de futuro devem prestar poderoso auxilio aos que pretendam conhecer a historia dos architectos da época actual. Este trabalho está bastante adeantado, assim como a distribuição de bilhetes de identidade, que o Conselho deliberou estabelecer e de que é desnecessario encarecer a utilidade.

—Dois factos publicos chamaram a attenção do Conselho, a que adheriu com prazer, pelos intuitos patrioticos que a elles presidem: um, a formação da Sociedade de Propaganda de Portugal—outro, a subscrição para o monumento a Camillo Castello Branco

A fundação da Sociedade de Propaganda de Portugal, é uma iniciativa digna de todo o respeito e protecção, pois representa um esforço heroico com que muito lucrará o paiz e que vem supprir uma lacuna, que tem passado despercebida aos poderes constituídos. O monumento ao grande litterato é uma divida nacional ao maior romancista portuguez do seculo passado, cuja obra admirâmos e respeitâmos e a quem esta Sociedade não podia deixar de prestar homenagem, concorrendo para que fosse immortalizado no bronze o homem que d'uma forma tão brilhante honrou o paiz.

Na Sociedade de Propaganda de Portugal, inscreveu o Conselho o nome da nossa Sociedade com a quota que vem lançada no mappa de receita e despezas appenso a este relatorio; para a subscrição do monumento a Camillo, enviou uma circular a todos os socios, convidando-os a contribuir com qualquer verba para aquelle fim, importancia que será entregue á Commissão promotora da homenagem.

—O Conselho em conformidade com a deliberação da Assembléa Geral, fez entrega da quantia de vinte e cinco mil réis, á commissão do monumento a erigir á memoria do reedificador da cidade de Lisboa, o grande patriota Marquez

de Pombal, producto da subscripção entre os socios que ainda não tinham corrido para outras listas de subscripção com o mesmo destino.

Egualmente entregou a quantia de 67:000 réis ao grupo de amigos do nosso fallecido collega Domingos Parente da Silva, socio fundador d'esta Sociedade, á memoria de quem vae ser erigido um tumulo no cemiterio d'Ajuda, preito de homenagem que o Conselho secunda e applaude.

São estes os factos que de maior importancia se ventilaram no periodo da nossa gerencia.

Feito o seu relato não queremos terminar sem cumprir um dever de solidariedade, exarando aqui o nosso reconhecimento a todos os consocios que da melhor boa vontade coadjuvaram o Conselho, sempre que a isso foram convidados, denotando com a sua attitude o elevado grau de educação associativa que possuem e o interesse que lhes merece o nosso baluarte collectivo.

Conscientes do cumprimento do nosso dever e só lastimando que os nossos trabalhos, por circumstancias varias, não podessem attingir o desenvolvimento que sempre deligenciámos dar-lhes, esperamos para elles a vossa sancção.

Sociedade dos Architectos Portuguezes, em 30 de Junho de 1906.

O CONSELHO DIRECTOR

A. R. Adães Bermudes
Adolpho Antonio Marques da Silva
Alvaro Machado
Alfredo Maria da Costa Campos
Francisco Carlos Parente (Relator)

COMISSÃO REVISORA DE CONTAS—Parecer

SENHORES :

Cumprindo o honroso mandato com que por vós fômos investidos em harmonia com o que determina o artigo 26.º dos nossos estatutos, procedêmos ao exame de todos os documentos de receita e despeza que pelo Conselho Director nos foram apresentados e que correspondem rigorosamente aos lançamentos feitos na escripturação das contas da nossa Sociedade.

Além da parte que directamente diz respeito ás contas da nossa direcção devemos tambem congratularmos-nos com os resultados obtidos pelas subscrições destinadas á erecção do monumento funebre ao nosso fallecido collega Domingos Parente da Silva e outra á do monumento ao grande estadista que foi Marquez de Pombal.

N'estes termos é nosso parecer que as referidas contas devem ser approvadas e que a todo o Conselho Director deve ser concedido um voto de reconhecimento e louvor pela dedicação e cuidado com que tratou os assumptos que lhe foram incumbidos e pelo zelo que sempre manifestou pelos interesses da nossa Sociedade durante o anno social de 1905-1906.

Lisboa e Sociedade dos Architectos Portuguezes, aos 30 de Agosto de 1906.

A COMISSÃO

Alfredo d'Ascenção Machado—Presidente

Frederico Evaristo da Silva Gomes—Secretario

José Christiano de Paula Ferreira da Costa—Relator

BIBLIOTHECA — Relatorio

SENHORES:

A assembléa geral da Sociedade dos architectos portuguezes, em sua sessão ordinaria de 24 de julho de 1905, conformando-se com a deliberação do Conselho Director transacto pela qual nos haviamos incumbido de proceder á organização e de tomar a direcção da bibliotheca da nossa associação de classe, houve por bem reconduzir-nos no exercicio d'esta muito honrosa missão, no desempenho da qual hoje cumprimos o dever de vos apresentar o movimentô da mesma bibliotheca, durante o anno social de 1905-1906.

Em 30 de junho do anno proximo passado accusou a Sociedade a existencia de 275 volumes, comprehendidos os de obras em publicação, alguns em duplicado, ou seja, como n'essa epocha era mister, o inventario completo de todos os seus livros.

A pratica, porem, tem-nos desde então demonstrado a vantagem de eliminarmos o numero d'esses, emquanto estas se não achem concluidas. Feita esta correcção, fica-nos pois aquelle total, para o effeito da catalogação, reduzido a 255.

N'estes termos é na presente data de 466 o numero de volumes descriptos na nota, que se publica no supplemento do nosso *Anuario*, relativo a 1906, o que equivale ao registo da entrada de 211 no decurso do anno, que agora finda.

Se no emtanto a esta quantidade adicionassemos a dos volumes das referidas obras em publicação teriamos a totalidade de 558.

Não obstante a nossa sociedade ter desde este anno começado a adquirir por compra avulsa ou por assignatura varias publicações, consideradas de geral interesse profissional, que muito têm contribuido para o desenvolvimento da bibliotheca associativa, é com o mais justificado jubilo que n'esta oportunidade nos congratulâmos com a Associação pela consideração que, incessantemente, desde a sua fundação, lhe tem sido tributada por pessoas, entidades e corporações litterarias, artisticas ou scientificas, entre ás quaes de momento se salienta exuberantemente a Academia Real das Sciencias de Lisbôa, offerecendo-lhe gentilmente varias das suas obras de muito reconhecido valôr, o que evidentemente garante o actual engrandecimento da nossa bibliotheca.

A todas portanto novamente, e a esta em particular, em nome da Sociedade dos Architectos portuguezes, aqui deixâmos consignada a expressão do nosso mais sincero reconhecimento.

Mais algumas sociedades de instrucção, enviando-nos as suas publicações,

estabeleceram ultimamente troca com o nosso *Anuario*, entre as quaes temos o prazer de registrar: Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, Associação dos Conductores de Obras Publicas e Associação dos engenheiros civis portuguezes.

— Concluida esta singela exposição, cujo detalhe poderá ser examinado nas notas especiaes, que se acham patentes na nossa secretaria, tres propostas julgo dever subjeitar n'esta occasião á vossa esclarecida apreciação:

1.^a Que a sala da bibliotheca esteja aberta para uso dos socios todos os dias uteis das 8 horas á meia noute, sendo prohibida a sahida de livros da séde social.

2.^a Que seja auctorizada a alienação dos volumes em duplicado, pela forma que fôr julgada mais conveniente aos interesses da Sociedade.

3.^a Que o mobiliario e livros da Bibliotheca sejam seguros contra o risco de incendio, sendo o respectivo contracto firmado pelo Conselho Director.

— Ainda como assumpto interessante de administração, é indispensavel que vos digâmos que a verba destinada á bibliotheca para 1905-1906 não comportou os melhoramentos, embora urgentes, de que ella carecia, apesar de aquella ter sido auctorizada em $\frac{1}{3}$ das receitas ordinarias.

Por isso, para simplificação d'este serviço, propômos que de futuro a dotação da bibliotheca seja constituída ordinariamente por metade do saldo que por ventura resulte da publicação do *Anuario*, e extraordinariamente pelas verbas que derivem de soluções accidentaes, como aquella dos duplicados a que ha pouco nos referimos, ou quaesquer outras em identicas condições.

Por esta forma a despeza da bibliotheca far-se-ha sempre de accôrdo com a importancia d'estas receitas extraordinarias, e não irá nunca affectar as receitas ordinarias, que como é intuitivo, têm em geral previamente determinada applicação.

Eis, Senhores, o que de notavel na actualidade nos offerece este serviço especial da Sociedade, e como nós o comprehendemos.

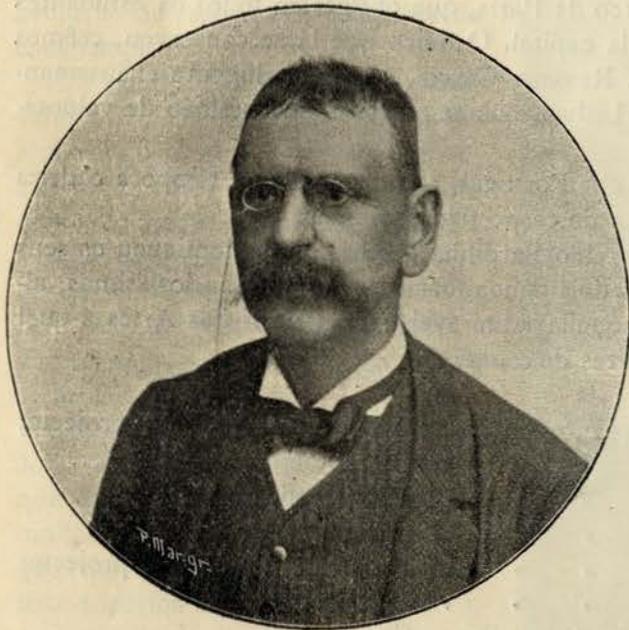
Em 30 de junho de 1906.

O Bibliothecario,

João Lino de Carvalho.

II—BIOGRAPHIAS

José Geraldo da Silva Sardinha



Na secção luctuosa d'este Anuario, cumpre-nos prestar um merecido e piedoso tributo de homenagem á memoria d'aquelle distincto architecto portuense, que numa larga carreira, nobremente preenchida, pelo seu caracter, saber e laboriosidade, honrou como architecto a nossa profissão, e contribuiu, como professor, para o desenvolvimento da architectura nacional.

Essa homenagem é justa e necessaria para que se desfaça a penumbra que o envolveu em vida, devido a uma modestia por ventura excessiva, a fim de que o seu nome

não passe despercebido na historia da nossa architectura contemporanea.

José Geraldo da Silva Sardinha, filho de Francisco Geraldo da Silva Sardinha, nasceu em 13 de Fevereiro de 1845, na freguezia de Pedroso do concelho de Villa Nova de Gaya, d'esse extraordinario concelho onde parece que se radicou um verdadeiro alfobre de artistas.

Depois de ter feito o curso do Lyceu do Porto e o de mathematica no Instituto Industrial encetou o de Architectura Civil na Academia Portuense de Bellas Artes, em Outubro de 1863, tendo como professor, Manuel d'Almeida Ribeiro, e frequentando com distincção o mesmo curso, até 1867.

Nesse anno concorreu ao logar de pensionista do Estado no estrangeiro, na classe de architectura, juntamente com Thomaz Soller, o mallogrado artista, e Bonifacio Lopes, sendo classificado em primeiro logar e nomeado pensionista por Portaria de 17 de Outubro de 1867.

Em Abril de 1870 venceu o difficultoso exame de admissão á Escola Nacional de Bellas Artes, de Paris, sendo a esse tempo alumno do *atelier* Questel-Pascal.

Questel era o *profecto* architecto, Membro do Instituto, que honrou a architectura franceza durante mais de tres quartos de seculo; e Pascal, o seu discipulo e successor, uma das maiores glorias da architectura moderna, a cujo prestigio de reputação universal accresce a nota sympathica de ter sido o professor do maior numero dos architectos portuguezes que teem ido apurar a sua educação á grande capital da Arte e da França.

Sobrevieram por essa occasião, com a guerra franco-prussiana, os horrores de «l'Année terrible» e o Cêrco de Paris, que obrigaram todos os estudantes portuguezes a abandonar aquella capital. O unico que lá se conservou, crêmos nós, foi o illustre engenheiro Sr. Ressano Garcia, a cujo intelligente «haussmannismo» tanto deve a cidade de Lisboa, que se alistou num batalhão de voluntarios.

Na curta demora que teve em Portugal, regeu por algum tempo a cadeira de architectura, durante a doença do respectivo professor.

Em 1872 regressou José Geraldo Sardinha a Paris, onde continuou os seus estudos até fins de 1873, e esses dois annos foram para elle laboriosissimos, alcançando repetidos successos naquella admiravel Escola de Bellas Artes á qual accorrem artistas de todas as partes do mundo.

| | | |
|-----------------------|--|---|
| Em 4 de Julho de 1872 | obteve 2. ^a menção em Architectura, | <i>rendu</i> de projecto; |
| » 5 de Agosto | » » » » | Stereotomia; |
| » 29 de Novembro | » » » » | Mathematicas; |
| » 30 de Dezembro | » » » » | Geometria Descriptiva; |
| » 8 de Maio de 1873 | » » » » | Architectura, <i>rendu</i> de projecto; |
| » 4 de Agosto | » » » » | Perspectiva; |
| » 5 de | » » 2. ^a medalha | » Construcção. |

Entre as remessas de trabalhos que lhe cumpria fazer na sua qualidade de pensionista, contam-se excellentes projectos que figuram na aula de Architectura da Academia Portuense de Bellas Artes, taes como: — uma igreja parochial, um museu, um theatro, um mercado, uma torre de observações e signaes, uma igreja para a cidade do Porto.

Por Portaria de 10 de Novembro de 1873 foi nomeado Academico de Merito.

Em 1878 começou a reger a cadeira de Architectura Civil e a de Perspectiva, vagas pelo fallecimento do professor proprietario Almeida Ribeiro, sendo

provido definitivamente nas mesmas cadeiras por Decreto de 3 de Julho de 1879, precedendo concurso publico, em que foi classificado em primeiro logar.

Em seguida ao fallecimento do illustre pintor João Antonio Corrêa, Director da Academia, foi nomeado para aquelle honroso cargo por Decreto de 16 de Abril de 1896.

Entre as obras mais notaveis que deixou, destacaremos: — o Grande-Hotel do Porto; o Theatro Sá de Miranda em Vianna do Castello; a cupula da Egreja da Trindade, ainda não terminada; a egreja do Bomfim.

Dirigiu tambem as obras do Paço Episcopal do Porto e, salvo lapso de memoria, obteve o 1.º premio no concurso para o Sanctuario de S. Torquato de Guimarães.

Era um technico consummado, e acompanhava dia a dia a constante evolução dos modernos processos da construcção.

Era igualmente um erudito, notavelmente competente em materia de archeologia e na jurisprudencia especial dos edificios, sendo por isso muito apreciado como architecto perito. Os estudos mathematicos mereceram-lhe sempre particular sympathia, sendo licito affirmar que, nelle, as faculdades scientificas predominavam sobre as artisticas.

Rematando, poderemos dizer de José Geraldo da Silva Sardinha, o que se poderá, infelizmente, dizer de muitos d'entre nós e ainda d'aquelles que nos succederem: — Foi um artista superior ao meio em que viveu, e se não deixou uma obra mais abundante e mais bella foi porque lhe não proporcionaram o ensejo.

Os architectos portuguezes teem, certamente progressos a realizar; mas o paiz precisa de realizar muitos progressos para tirar o devido partido dos architectos que já possui.



Egreja do Senhor do Bomfim
Fachada principal
Projecto do architecto Silva Sardinha

III—INTERESSES GERAES DE CLASSE

Serviços de architectura—Representação ao Governo

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Em 10 de junho de 1905 pela primeira vez os architectos portuguezes, representados pelo conselho director da sua associação de classe, submeteram á apreciação da Administração Superior do Estado o seu parecer acerca da organização dos serviços de architectura no nosso paiz.

N'esse documento salientava-se então o facto de se ter dispendido entre nós com edificios publicos, durante os ultimos 30 annos, a fabulosa verba de 45.000.000\$000 proximamente sem vantagem alguma para a architectura contemporanea, e attribua-se essa deploravel circumstancia não só á falta de architectos de obras publicas, como á deficiente organização burocratica dos respectivos serviços, a qual ainda aos poucos existentes lhes tem cerceado toda a iniciativa, responsabilidade e estimulo.

Por isso a Sociedade dos Architectos Portuguezes, em nome da collectividade, evidenciou como suas muito legitimas e momentosas aspirações de classe a «substituição do actual quadro auxiliar por um corpo de architectos cujas attribuições fôsem, no serviço de architectura, analogas ás do corpo de engenheiros nos serviços de engenharia, ou seja a criação de uma Direcção de Edificios Publicos, com sede em Lisboa, a cargo de um architecto e subordinada á Direcção Geral de Obras Publicas e Minas, sendo essa direcção dividida em secções com as respectivas sedes nos principaes districtos administrativos do continente e ilhas adjacentes, e distribuido tambem a um architecto o cargo de vogal do Conselho Superior de Obras Publicas e Minas, como se enunciava no artigo 40.^o da organização de 24 de julho de 1886».

«Esta reorganização nos serviços publicos impõe-se mais por uma necessidade geral do Estado do que mesmo pelos interesses da classe que representamos».

Por conseguinte fez tambem sentir que «seria ainda para desejar que nos

diversos ministerios e especialmente no do Ultramar e nos serviços das corporações administrativas locais, que lhes são dependentes, por conta dos quaes se constróem hospitaes, prisões, escolas, quartéis etc, fôsem admittidos architectos para projectar e dirigir essas obras, que não só competem á architectura, mas algumas constituem especialidades que, exigindo larga experiencia professional, muito conviria animar e robustecer».

Comparando seguidamente a forma como estes serviços publicos são orientados em outros países, ainda a Sociedade deduziu que da falta de architectos nas nossas provincias estão soffrendo mesmo os particulares; e, notando que a propriedade por estes edificada representa uma terça parte da fortuna total da nação, lembrou finalmente que seria desvalorisar essa riqueza o privar-a da Arte, que é um dos mais poderosos elementos de civilisação e por consequencia que, desenvolvendo se esta e animando assim numerosas industrias nossas, se contribuiria simultaneamente para o engrandecimento da nossa patria.

O actual conselho director tem confiadamente aguardado favoravel solução a este instante aperfeiçoamento da lei organica dos serviços de obras publicas, na parte referente á Architectura, que naturalmente causas excepçionaes teem impedido de lhe ter sido convenientemente dada.

Hoje porem, Sr. Ministro, que a Sociedade dos architectos portuguezes encontra na suprema direcção dos mais grandiosos trabalhos de fomento nacional um estadista, que conscientemente conhece todos os serviços technicos de obras publicas, por isso que é ao mesmo tempo um dos mais brilhantes ornamentos da engenharia portugueza, renova a iniciativa da mencionada representação, a que na presente se tem estado referindo, esperando que a V. Ex.^a se fique devendo a grande obra de renovação artistica em Portugal.

Lisboa, 10 de abril de 1906.

O CONSELHO DIRECTOR,

A. R. Adães Bermudes
Francisco Carlos Parente
Adolpho Antonio Marques da Silva
Alvaro Machado
Alfredo M. da Costa Campos

IV — ASSUMPTOS TECHNICOS

As novas edificações de Lisboa (*)

E' vulgarissimo ouvir dizer que os edificios modernos de Lisboa não são architectonicos nem de bom gosto; nem ao menos são simplesmente incaracteristicos, o que seria um bem, mas, muito peor do que isso, são documentos vivos e palpaveis da ignorancia de todas as classes da nossa população em materia de arte e de gosto.

Tudo isto é, infelizmente, verdade com bem raras excepções, por nosso mal.

Mas em Lisboa ha, ainda que em numero bem limitado, alguns architectos; e, não sendo nossa intenção n'este artigo tratar a questão de muito alto, o que seria descabido no meio em que vivemos, não diremos que ha grandes sumidades em architectura, nem isso vem para o caso porque só pretendemos referir-nos ao assumpto muito em geral. Admittimos, pois, de bom grado que são todos muito modestos nos seus merecimentos artisticos e scientificos; mas, em summa, são architectos, teem o seu curso. Ninguem dirá, segundo crêmos, que a classificação é immerecida e pretenciosa e portanto não póde haver repugnancia em acceital-a, tanto mais que elles são apenas em numero de uns trinta approximadamente. Bem poucos para uma cidade de tamanha extensão e de tão grande movimento de construcção civil.

(*) O illustre architecto sr. José Luiz Monteiro, nosso digno Presidente, que já no anno proximo passado honrou as columnas do *Anuario* com uma interessante communicacão ácerca do concurso das fachadas em Paris, occupa-se este anno com a competencia que todos lhe reconhecemos, das novas edificações de Lisboa.

Este seu escripto é uma analyse da má orientacão que tem tomado a esthetica da nossa cidade, procurando accentuar bem os factos que teem determinado tal estado de cousas; não é, pois, um estudo educativo que elle, como mestre que é, poderia firmar, mas traduz de uma forma precisa o quanto nos será necessario trabalhar para attingir com resultados praticos o fim proposto — alcançar o progresso da architectura no nosso paiz pela educacão artistica dos portuguezes.

Pois muito bem. De que vivem esses architectos? De fazer projectos para casas? Se outros não fossem os seus recursos nem trinta haveria. A maior parte teria morrido de fome!

Alguns mais felizes conseguiram uma collocação official de maior ou menor remuneração, mas sempre mesquinha (ha-os que vencem 15\$000 réis mensaes); os outros para ahi andam dando lições de desenho ou de geometria ou entregam-se a qualquer industria que tenha maior ou menor relação com as artes do desenho. N'uma palavra, vivendo exclusivamente de fazer projectos para casas, nenhum!

Quem serão, porém, os culpados d'isto? serão os proprios architectos? não é provavel. Pelo menos quando se trata de remuneração, não são nunca nem podem ser exigentes, o que não obsta a que por vezes se lhes conteste o direito de fixarem o preço do seu trabalho; e raro é encontrar um proprietario que tenha a verdadeira comprehensão do valor dos serviços que lhe póde prestar um architecto. Ha tal que até ignora o que seja essa profissão e não distingue a casa feita por elle da que foi concebida e executada por um simples pedreiro.

Por isso quando algum mestre de obras, dos que não fazem honra á classe, com um pobre desenhador ás ordens, offerece de graça, como isca, ao proprietario, o projecto do predio que este quer construir, é elle quem triumpho, não ha que duvidar! embora a obra no final venha a custar mais cara.

Vê-se, pois, que a ignorancia a par do espirito de economia não são estranhos ao espectáculo desolador que as novas ruas e avenidas offerecem aos que se interessam pelas questões do bom gosto. E, comtudo, que de milhões dispendidos em banalidades e dispauterio!

Eis, portanto, um dos factores do mal e bem grave. Mas ha ainda outro não menos poderoso e temivel e ao qual principalmente queremos referir-nos n'este artigo. E' o seguinte: Não raro se depara ao architecto, entre os raros clientes que lhe fazem a subida honra de o procurar, um freguez rico, *intelligente, viajado, que tem visto muito lá por fora* e que por esse facto sabe mais de architectura do que qualquer dos que professam esta arte. Para esse, o architecto é o instrumento servil dos seus *vastos conhecimentos*; se quizer ganhar-lhe alguns tostões ha-de submeter-se ao seu criterio avariado e aos seus caprichos de ricaço, senão, rua!

Para esse, o architecto não tem o direito de fazer uso d'aquillo que aprendeu nem do que o seu talento lhe possa suggerir em um momento de feliz inspiração. Tudo isso é nada em face do despotismo do dinheiro e da estulticia e, de mais, quem paga é o patrão e portanto tem o direito de ser servido á sua vontade.

Em casos d'estes o architecto ou ha-de curvar a cabeça ás imposições do freguez e prostituir assim o seu nome de artista, ou abandonar de todo a carreira que adoptára por vocação e que nas suas illusões de rapaz julgára honrosa

e brilhante; salvo se tiver a fortuna de pertencer ao numero d'aquelles bafejados da sorte que no exercicio dos seus logares no ministerio das obras publicas recebem o invejavel ordenado de 15000 mensaes.

Taes são incontestavelmente as origens dos males que tantos accusam e lamentam e de que fallámos ao começar este artigo. E' inutil procurar outras ou accusar as auctoridades que permitem taes attentados, porque não teem meio algum de os impedir. O futuro das artes em Portugal depende exclusivamente da orientação que se der á educação. O que nos falta é cultura artistica e não só as classes populares enfermam d'esta doença, mas tambem as superiores que, em geral, se consideram illustradas.

Em conclusão perguntaremos: é possivel que a architectura progrida n'um meio tão pouco propicio? Não de certo.

J. L. MONTEIRO.

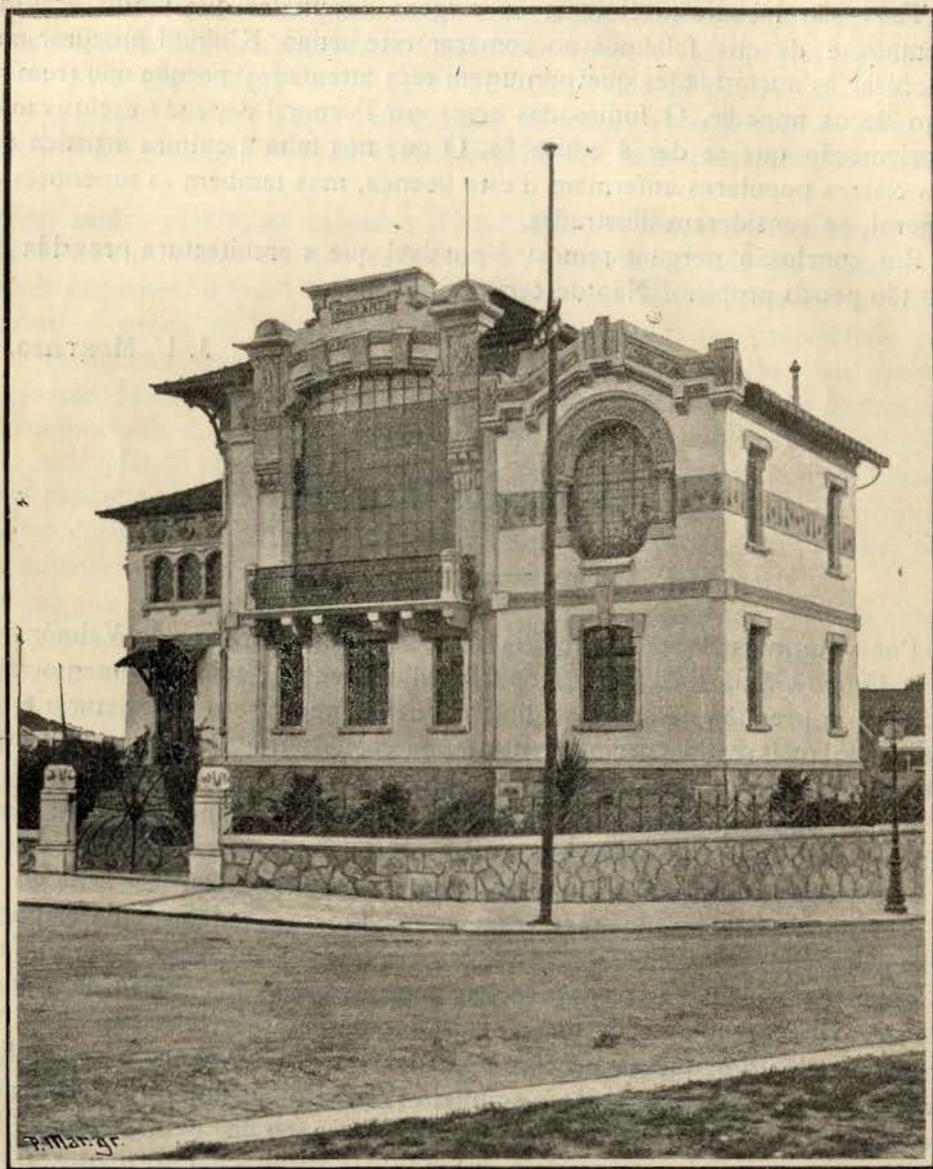
◉ premio Valmór

Por determinação testamentaria do benemerito visconde de Valmór recebeu a Camara Municipal de Lisboa um valioso legado, cujo rendimento annual se destina a premio que será partilhado igualmente entre o proprietario e o architecto do mais bello predio construido na capital durante o anno correspondente ao rendimento arrecadado.

Para o caso em que não tenha havido em qualquer anno, obra que mereça o premio instituido pelo fallecido titular, o rendimento será junto ao capital, o que augmentará um pouco o valor dos premios subsequentes.

A Camara, depois de encarregar a sua repartição d'obras de elaborar o regulamento que estabelece as condições em que o premio póde ser conferido e o modo de constituir o respectivo jury, approvou em sua sessão de 21 de janeiro de 1903, o regulamento apresentado, o qual ainda se acha em vigor. N'este regulamento, em que se procurou satisfazer escrupulosamente ás condições previstas pelo testador, estabelece se que o jury será constituido por tres architectos diplomados sendo um nomeado pela Camara, outro pela Academia Real de Bellas Artes e ainda outro pela Sociedade dos architectos portuguezes.

O premio póde ser applicado a qualquer predio ou casa construida ou restaurada em Lisboa, com a condição que esse predio ou casa tenha um estylo architectonico classico, grego ou romano, romão gothico, ou da renascença, ou algum typo artistico portuguez, emfim um estylo digno de uma cidade civilisada.



Casa do pintor sr. José Malhã

Em 1903 reuniu o jury que tinha a missão de apreciar os projectos e respectiva execução, dos predios concluidos no anterior anno de 1902.

Este jury foi constituido pelos architectos, José Luiz Monteiro, por parte da Camara; José Antonio Gaspar pela Academia Real de Bellas Artes, e Francisco Carlos Parente por parte da Sociedade dos architectos portuguezes. Foi conferido o premio, em conformidade com o parecer do jury, á casa da avenida da Liberdade com frente para a rua do Salitre pertencente ao sr. Lima Mayer, e da qual foi architecto o sr. Nicola Bigaglia.

Em 1904, o jury composto dos architectos, nossos consocios, srs. José Luiz Monteiro, pela Camara, José Alexandre Soares, pela Academia de Bellas Artes e Alfredo d'Ascensão Machado pela Sociedade dos architectos portuguezes, examinando os projectos e obras terminadas em 1903 conferiu o premio á casa da rua Alexandre Herculano, de que é proprietario e architecto o nosso consocio Miguel Ventura Terra.

D'este premio já se deu noticia, acompanhada da representação graphica da fachada do edificio premiado, no primeiro numero do nosso Annuario.

Em 1905 o jury composto dos architectos José Luiz Monteiro, pela Camara, Miguel Ventura Terra, pela Academia de Bellas Artes e Arnaldo Rodondo Adães Bermudes pela nossa Sociedade, apreciando as obras terminadas durante o anno de 1904 não achou nenhuma que reunisse os requisitos necessarios para merecer o premio Valmór. Entretanto reconheceu que, de entre as numerosas casas feitas durante aquelle anno, se distinguiam a do sr. Michelangelo Lambertini, de que é architecto o sr. Nicola Bigaglia, e a do sr. Antonio José Gomes Netto, de que é architecto o sr. Jorge Pereira Leite. Por este motivo, o jury propoz que aos proprietarios e architectos das casas de que se trata, ambas situadas na Avenida da Liberdade, fossem conferidas menções honrosas, nos termos do regulamento citado.

Tendo constado esta deliberação, foi presente á Camara um protesto por parte de um dos proprietarios das casas que o jury distinguiu, protesto que foi submettido á apreciação do jury, mantendo este integralmente o que tinha deliberado, e assim o communicando á Camara com a devolução do referido protesto.

Em vista do exposto, a Camara, acatando a deliberação do jury, conferiu as menções honrosas e não adjudicou o premio.

Entre as edificações concluidas durante o anno de 1905 foram classificadas em merito absoluto pelo jury, de que faziam parte pela Camara, Alfredo d'Ascensão Machado, pela Academia de Bellas Artes, José Alexandre Soares e pela nossa Sociedade, Arnaldo Rodondo Adães Bermudes, architectos e nossos consocios, a casa pertencente a Mademoiselle Anna Roussel situada nas Avenidas Ressano Garcia e Duque d'Avila, e a pertencente a José Vital Branco Malhõa, situada na Avenida Antonio Maria d'Avellar e rua Pinheiro Chagas, das

quaes são architectos respectivamente os nossos consócios Alvaro Machado e Manoel Joaquim Norte Junior.

Procedendo em seguida o jury á votação em merito relativo, recahiu esta na casa do sr. Malhõa, sendo portanto este sr. e o architecto Norte Junior os premiados, visto a Camara se ter conformado com as indicações do jury.

A gravura que apresentamos representa a fachada do predio do sr. Malhõa, o ultimo a que foi adjudicado o premio Valmór.

SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES

Séde social — Salão de exposições

Em março de 1901 foi reorganizado sob novas bases o antigo Gremio Artístico, e fundada então a Sociedade Nacional de Bellas Artes.

O seu fim, como se sabe, é promover a cultura das artes plasticas em todas as suas manifestações, defendendo os interesses da arte nacional.

Entre os meios que tão utilmente tem adoptado para a propaganda artistica, orientada pelos interesses superiores da Arte, tem esta sociedade, sem o menor auxilio estranho, realisado annualmente a sua exposição.

A sua séde, porém, embora bem installada quanto a gabinetes de leitura, aulas, e outras salas, não tem, comtudo, um salão apropriado a exposições, tendo estas tido lugar no antigo edificio da Academia Real de Bellas Artes.

Por uma fórma perfeitamente digna, acaba o sr. conde de Penha Garcia de apresentar na camara dos deputados o seguinte projecto de lei, que tem já parecer favoravel da commissão de fazenda, e que tanto honra o seu auctor, como os que com elle collaborarem, approvando-o; resolvendo-se aqui transcrevel-o pela consideração especial que mereceu á Sociedade dos Architectos Portuguezes.

SENHORES:

Para o ensino das Bellas Artes e da Arte applicada, e sobretudo para a educação geral e para a vulgarisação do bom gosto, são elemento essencial as exposições publicas dos diversos generos de trabalhos artisticos.

Em todos os paizes civilisados essas exposições affectam duas fórmas: umas são de caracter permanente, encerram as colleções artisticas do Estado, são os museus; outras são de natureza periodica e trazem em cada anno ao conhecimento e apreciação do publico os mais recentes trabalhos artisticos.

Estas ultimas são as que traduzem o progresso e a evolução artisticas, são as que dão a cada paiz a verdadeira noção do seu desenvolvimento e capacidade artisticas actuaes.

Compreende-se por isso quanto importa fomentar e auxiliar taes exposições que nos dão a viva impressão do estado actual de um dos mais bellos factores da vida intellectual, de um dos mais seguros indícios de civilisação e de progresso.

E não só sobre este aspecto elevado, mas ainda no campo pratico e utilitario, taes exposições se impõem. A arte applicada representa hoje uma enorme riqueza que valorisa todos os progressos industriaes.

As exposições artisticas entre nós não puderam attingir ainda o seu verdadeiro valor por falta principalmente de local apropriado onde se realizem.

Tanto em Bellas Artes como em arte applicada possuímos já uma apreciavel vitalidade que é dever publico fortalecer e desenvolver.

Por falta de local, porém, onde se possam realizar as exposições annuaes, nem favorecemos a natural expansão do nosso progresso artistico nem educamos o gosto publico, nem pômos em contacto os artistas e os que podem aproveitar os seus trabalhos e aptidões.

E' para remediar esta grave lacuna que temos a honra de vos apresentar este projecto de lei.

Por elle conseguirá o Parlamento dotar a capital do reino com um edificio apropriado ás exposições publicas de Bellas Artes e arte applicada em condições de economia verdadeiramente excepçionaes.

Com effeito, apesar do edificio vir a ser construido n'um local dos mais centraes de Lisboa, o terreno nada custará ao Estado, pois foi cedido pela camara. Nenhuma despeza tambem haverá que fazer com os planos architectonicos, fiscalisação e trabalhos decorativos; generosamente houve artistas que d'isso se encarregaram.

Reduz-se por consequencia o sacrificio do Estado ao material e mão d'obra triviaes, e esses mesmos são obtidos em condições de custo deveras reduzido e com facilidades de pagamento muito de apreciar.

Approvando este projecto de lei, o Estado tomará apenas um encargo de tres contos por anno durante dez annos, e dentro de um anno ou pouco mais terá dotado a capital com um bello edificio para exposições artisticas que n'outras condições custaria seguramente o triplo.

Estas considerações de ordem economica não são para desprezar n'um tempo em que os recursos do Estado são insufficientes para os seus encargos, mas as vantagens educativas e civilisadoras do projecto bastariam seguramente para justificar que concedais a vossa approvação ao seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º E' o governo auctorizado a inscrever no orçamento do Estado durante um periodo de dez annos a começar em 1907 a somma annual de tres contos de réis, para subsidiar a construcção de um edificio publico destinado a exposições de Bellas Artes e arte applicada.

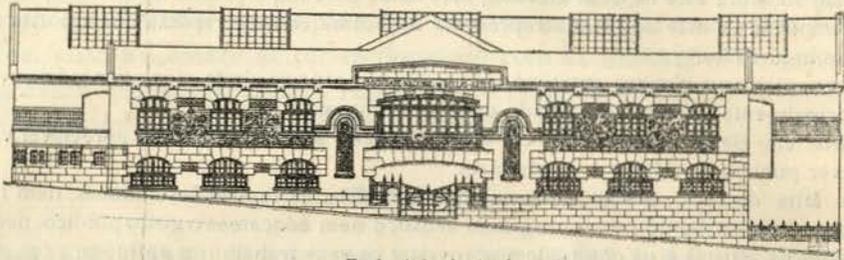
Art. 2.º Esta somma será entregue á Sociedade Nacional de Bellas Artes, que fará construir esse edificio no periodo maximo de dois annos a contar da approvação d'esta lei, no terreno que para esse fim foi cedido pela camara municipal de Lisboa e conforme o projecto já approvedo pela camara.

§ 1.º Salvo prorogação d'este praso auctorizada pelo governo por causa de força maior, a falta de cumprimento d'esta clausula faria cessar o pagamento das prestações do art. 1.º sem prejuizo dos direitos do Estado pelo que já houvesse dispendido.

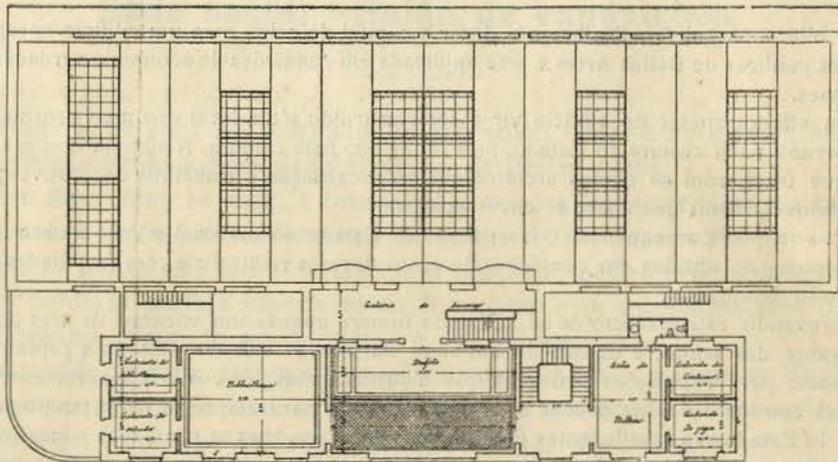
Art. 3.º A Sociedade Nacional de Bellas Artes submeterá á approvação do governo as plantas e cadernos de encargos, não podendo incluir nas despezas a pagar com o subsidio do governo as feitas com os projectos e plantas, a fiscalisação da construcção e as decorações propriamente artisticas.

Art. 4.º A Sociedade Nacional de Bellas Artes tomará a seu cargo as despezas de conservação e reparação do edificio que occupará e usufruirá emquanto se mantiver dentro dos fins constantes dos seus actuaes estatutos.

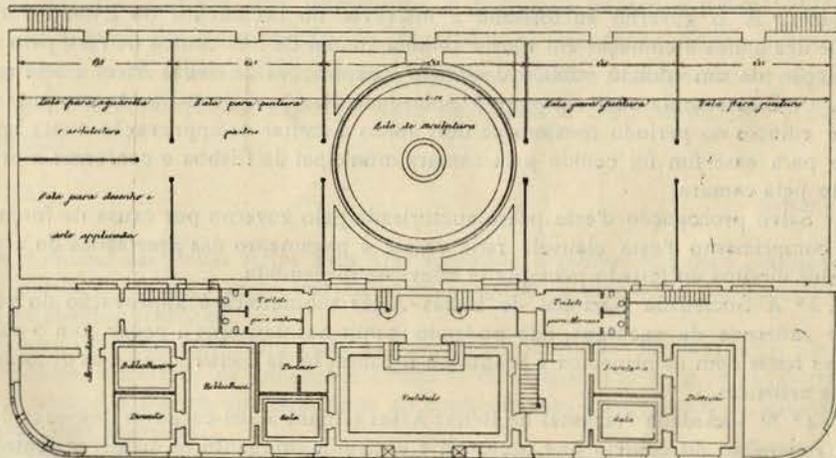
SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES
SÉDE SOCIAL — SALÃO DE EXPOSIÇÕES



Fachada principal



Plantas dos dois pavimentos



Projecto do architecto ALVARO MACHADO

As salas de exposições ficarão á disposição do governo e da camara municipal de Lisboa para exposições de arte ou industriaes e para festas ou serviços de interesse publico, que de qual-quer fôrma se relacionarem com o fim para que o edificio é construido.

Art. 5.º A Sociedade Nacional de Bellas Artes ficará obrigada enquanto estiver occupando o edificio, a entregar todos os annos gratuitamente ao governo para os museus e collecções do Estado, quadros ou obras de arte até á verba de 500,000 réis pelo respectivo catalogo, dos que forem expostos em cada exposição annual promovida pela Sociedade.

§ 1.º A escolha d'estas obras caberá a uma commissão composta de um presidente nomeado pelo ministro do reino, de dois membros da direcção da Sociedade Nacional de Bellas Artes e dos directores do Museu Nacional e da Escola de Bellas Artes.

§ 2.º O Estado poderá deixar de exercer essa escolha durante dois annos successivos e accumular os seus direitos até ao maximo de tres subvenções.

O projecto d'este edificio, elaborado pelo nosso consocio sr. Alvaro Machado, foi escolhido como o 1.º d'entre os que se apresentaram no concurso que para este fim foi aberto pela Sociedade Nacional de Bellas Artes.

O referido projecto de que reproduzimos a fachada principal e as plantas, está largamente concebido e tractado com o superior criterio que o auctor costuma imprimir aos seus trabalhos; na distribuição das plantas foram estabelecidos salões para exposição, salas de reunião e de leitura, bibliotheca, archivos e aulas da Sociedade, e no 1.º pavimento foi reservada uma parte importante para *séde da Sociedade dos Architectos Portuguezes*, tendo esta, á esquerda do vestibulo, sala, bibliotheca e dois gabinetes, um para os directores e outro para o bibliothecario.

Aguardamos pois com o mais vivo empenho a realisação d'este notavel factio artistico, e felicitamos a cidade de Lisboa por em breve possuir um bello edificio, cuja falta de ha muito se fazia sentir.

A HABITAÇÃO

E' sempre de actualidade para o mundo civilizado o grande problema da sua hygiene.

Um congresso internacional se reúne periodicamente para tratar do assumpto, do qual a 1.^a sessão se effectuou, como se sabe, em 1904, e já no corrente mez de setembro tem logar a 2.^a; não nos sendo no emtanto possivel, como então, dar de momento conta aos leitores dos seus principaes votos.

Procuraremos, como de costume, fazel-o opportunamente.

Consta que os themas agora a estudar são mais ou menos os que já tiveram a primasia da discussão :

A.—Categoria das habitações familiares

- 1.^a sec. — Habitações urbanas (burguezas).
- 2.^a » — Alojamentos operarios.
- 3.^a » — Habitações ruraes.

B.—Categoria das habitações e locaes collectivos

- 4.^a sec. — Casas de aluguer, mobiladas, hoteis.
- 5.^a » — Locaes hospitalares.
- 6.^a » — Locaes militares.
- 7.^a » — Sallas publicas, locaes administrativos, industriaes e commerciaes.
- 8.^a » — Locaes escolares.

C.—Categoria dos locaes moveis e temporarios

- 9.^a sec. — Meios de transporte.

D.—4.^a Categoria

- 10.^a sec. — Relações do saneamento da habitação com a arte e com a decoração.

E.—5.^a Categoria—Administração sanitaria

- 11.^a sec. — Legislação, repartições sanitarias, estatisticas e boletins sanitarios.

F.—6.^a Categoria—Questões geraes

- 12.^a sec. — Agua, evacuação de materias usadas, illuminação, aquecimento.

De facto o saneamento e a salubridade da habitação impõe-se-nos constantemente como dos mais importantes factores da construcção, e o seu estudo é sem duvida interessantissimo, devendo para este fim reunir-se em Dresde no futuro anno de 1909 o 3.^o congresso.

Entre nós, porém, teem sido bastante descurados estes tão importantes as-

sumptos; mas se por um lado a administração publica effectivamente lhe não tem ligado a precisa attenção, por outro, com referencia á habitação urbana, são os proprietarios os mais culpados d'essa incuria.

A sua unica preocupação, quando constróem, é o lucro do capital empregado.

Já não queremos que tivessem o altruismo preciso para se lembrarem do damno que vão causar aos inquilinos dos seus predios, por falta de condições hygienicas, porque esta boa qualidade não é em geral apanagio de argentarios, mas que pelo menos se lembrassem das suas familias e de si proprios.

Se uma boa habitação d'um d'estes protegidos da fortuna estiver situada entre edificações insalubres que alugue, aquella participará naturalmente dos defeitos d'estas.

O seu ouro é que infelizmente não é contagioso; só existe nas suas caixas fortes e ninguem mais o poderá aproveitar.

Mas o que a Natureza concedeu a todos nós como indispensavel á vida foi ar, luz e agua.

J. LINO DE CARVALHO.

V — LEGISLAÇÃO

Legislação portugueza sobre edificação

No primeiro numero do nosso Anuario iniciámos um estudo ácerca da legislação portugueza sobre a edificação. Este estudo, sem pretensões doutrinarias, tinha principalmente em vista excitar o espirito observador e de bom criterio de muitos dos nossos collegas e conseguir que elles, interessando-se por um assumpto tão importante para a nossa classe, produzissem outros artigos tendentes a demonstrar a necessidade de uma revisão de alguns dos regulamentos em vigor para os tornar mais efficazes na sua applicação e mais modernos na sua orientação.

Salientámos principalmente as lacunas existentes no **regulamento de salubridade das edificações urbanas** e podemos accrescentar que elle se acha atrasado de muitos annos em relação a outros regulamentos congeneres de paizes estrangeiros, os quaes, estudando successivamente a sua legislação, a vão modificando e aperfeçoando de par e passo que o progresso o vae exigindo e as conveniencias sociaes o aconselham.

Tem o citado regulamento muito de bom e de util, mas, como nada é perfeito, encontram-se-lhe tambem muitas deficiencias e anomalias.

Como deficiencias, citaremos, por exemplo, não haver nada disposto em relação aos limites em que devem conter-se as coberturas dos edificios, nem para a determinação de alturas de fachadas em certos casos que, pelo menos em Lisboa, Porto e Coimbra, são bastante frequentes.

Com effeito, parece-nos que alguma coisa se poderia fazer para que a alinea 6.^a do artigo 5.^o do regulamento não fizesse depender de decisões especiaes do governo a determinação das alturas das fachadas quando os edificios tenham frente sobre duas ruas abertas proxivamente na mesma direcção mas em niveis differentes.

Nada se encontra tambem ácerca da altura das fachadas posteriores dos edificios.

Os artigos 19.^o e 20.^o do regulamento estabelecem as regras a que devem

sujeitar-se os pateos e os saguões dos edificios, mas são vagos e até talvez confusos na sua redacção de modo que se prestam a variadas interpretações.

Como anomalias citaremos principalmente a passagem brusca que se dá nos limites estabelecidos para a determinação da altura das fachadas dos edificios em relação á largura das ruas. Por uma differença de alguns centímetros e por não haver meios termos a estabelecer, fica um proprietario impedido de augmentar um andar a qualquer edificio que pretenda mandar construir, ou de dar mais altura aos andares, e o architecto, obrigado a conter a fachada do edificio projectado, em limites que não podem ser excedidos, muitas vezes com prejuizo do partido architectonico adoptado, que um reduzido augmento de altura poderia melhorar consideravelmente.

*

* * *

Estabeleceu-se por decreto de 6 de junho de 1895 o **regulamento para o serviço de inspecção e vigilancia para segurança dos operarios maiores e menores nos trabalhos de construcção civil**. Este regulamento tinha em vista assegurar aos operarios os cuidados e atenções que os constructores não devem deixar de ter para que os perigos a que andam expostos os que se occupam em trabalhos de construcção sejam reduzidos ao minimo.

N'esse regulamento determina-se que nenhuma obra que possa offerecer algum perigo, seja executada sem que á testa d'ella haja um responsavel, inscripto como architecto, engenheiro, conductor d'obras ou constructor civil (mestre d'obras), nos registos das camaras municipaes de Lisboa ou Porto, quando os trabalhos executados em qualquer d'estas cidades, ou nas direcções de obras publicas dos respectivos districtos quando em qualquer outro ponto do reino.

Para a inscripção dos individuos que podem exercer as funcções de constructores e assumir as responsabilidades inherentes a tal profissão, estabeleceram-se regras muito judiciosas, que tem sido escrupulosamente cumpridas.

Mas nem tudo póde prever-se e providencia tão salutar, foi aproveitada por alguns constructores, que fizeram do exercicio da sua profissão uma especie de monopolio, em prejuizo dos collegas que só prestam o seu nome ás obras que dirigem, assumindo responsabilidades de obras que apenas conhecem porque ellas constituem para elles fonte de receita, mas de que nem sabem ás vezes o local exacto por nunca lá terem comparecido!

Nomeou-se uma commissão para rever e modificar este regulamento, de modo a evitar que taes abusos possam continuar, e essa commissão, da qual faz parte como delegado da nossa Sociedade um dos seus mais prestimosos e illustres socios, tem, segundo nos consta, muito adeantados os seus trabalhos, dos quaes muito temos a esperar.

Por sua parte a camara municipal de Lisboa tambem ultimamente tem tratado com muito interesse este palpitante assumpto, e parece que vae pôr em pratica providencias que ponham cobro aos abusos a que acima nos temos referido.

*

* *

Sobre a regulamentação da parte com que os edificios podem concorrer para melhorar as condições estheticas das cidades, é que por enquanto nada se estabeleceu. Na nossa Sociedade já foi apresentado um alvitre que, posto em pratica como regra sem a qual não teria approvação nenhum projecto para edificios a construir em logares mais importantes por qualquer motivo, muito impediria que continuassem a ser construidos em novas ruas, em que os municipios dispendem sommas importantes e que constituem verdadeiros aformoseamentos locais, edificios monstruosos na sua composição esthetica, sem proporção nem elegancia e em que a falta de gosto se allia ás vezes até á falta de condições de economia e de commodidade.

E' de esperar que este estado de coisas não continue indefinidamente, e que um regulamento venha a ser estabelecido para que os projectos de edificios que de futuro sejam submettidos á apreciação das suas condições technicas e de obediencia aos preceitos das leis e posturas em vigor, sejam tambem presentes a uma commissão artistica que dê o seu parecer ácerca das qualidades estheticas e de relação local a que os mesmos projectos devem satisfazer, pelo menos em sitios de maior importancia.

*

* *

Terminamos, fazendo votos para que os nossos collegas se interessem por estes assumptos, os quaes sem duvida poderão por elles ser tratados com mais proficiencia e utilidade que nós o temos feito, por isso que, o que nos sobra em boa vontade, nos escasseia em competencia.

A. D'ASCENÇÃO MACHADO.

VI — VARIA

EMBLEMA ASSOCIATIVO

Foi o conselho director da gerencia de 1904-1905 quem iniciou os trabalhos preparatorios para se levar a effeito a execução do artigo 28.º dos nossos estatutos: a creação de uma medalha ou emblema associativo.

Durante essa gerencia, segundo o convite feito aos nossos illustres consocios para, n'um concurso de motivos, se escolher o que mais satisfizesse as nossas aspirações, recebeu o mesmo conselho director um esboceto do sr. Tertuliano de Lacerda Marques e um croquis do sr. Alfredo M. da Costa Campos. Ficara portanto o assumpto encetado e ao conselho director eleito na actual gerencia de 1905 a 1906 cumpria deixal-o concluido.

N'essa ordem de ideias, novamente foram convidados os nossos consocios, sendo remetido ao conselho director um croquis pelo sr. Joaquim Norte Junior e um esboceto á penna pelo sr. Adolpho Marques da Silva.

Quatro planos tinha já o conselho director e portanto, depois de larga apreciação, na qual grande numero dos nossos prestimosos collegas foram consultados, accordou-se que o esboceto do sr. Marques da Silva era aquelle que, sujeito a pequenas alterações, reunia maior numero de condições para o fim que se tinha em vista.

Foi então que o conselho director convidou para execução do trabalho o notavel esculptor Simões d'Almeida (sobrinho), artista de raras qualidades de talento e que sobre o esboceto, que lhe foi apresentado, subordinou a composição da nossa medalha-emblema ás linhas de modelação que mais uteis se tornavam.

Do valor artistico da execução confiada, como estava, ao mais notavel esculptor que hoje temos no genero, não podia deixar de sêr, como é, uma obra de arte a que Simões de Almeida (sobrinho) se entregou com toda a sua boa vontade e dedicação, cooperando na execução d'um emblema que tem por fim representar uma classe de artistas.

Os cunhos estão promptos e em breve o emblema da Sociedade dos Archi-

tectos Portuguezes (associação de classe) será um facto, dando-se assim cumprimento ao artigo 28.º do estatuto, e sendo por isso desde já impresso na capa do presente numero do Anuario.

SANEAMENTO MORAL

Uma, ainda que ligeira, excursão a paizes estrangeiros, que nos permite comparar organismos e climas, usos e costumes, doutrinas e civilsações, demonstra-nos que, se a observação das regras da hygiene significa, como por vezes se tem dito, uma prova material de esmerada educação, ella revela tambem ao mesmo tempo a exacta comprehensão de um dos mais elementares preceitos de moral. D'esta equação resulta pois verificarmos que se entre nós a hygiene pouco tem materialmente avançado, moralmente não tem ella adiantado um passo.

E' certo que profissionalmente todos mais ou menos nos temos occupado da salubridade; quando, porém, este assumpto tende a tomar o character mais accentuadamente social, e portanto a perder a sua feição technica, torna-se evidentemente mais vasto e é mesmo mais complexo.

E não obstante esta circumstancia, vimos de ha muito reconhecendo que não podemos nem devemos por mais tempo protelar a discussão do *Saneamento moral*.

Tendo de fallar de moralidade, para nos não embrenharmos em considerações de natureza varia, não remontemos ao passado, não estudemos o presente, não antecipemos o futuro; acceitemos simplesmente o facto da sua falta, o que de momento basta para conhecermos das suas fataes consequencias.

Portugal, segundo affirmam auctoridades independentes, tem os elementos necessarios á sua prosperidade. Qual é pois, senão a principal, pelo menos uma das mais salientes causas do seu atrazo?

E' indubitavelmente a desmoralisação que, lavrando mais ou menos fundamentalmente em quasi todas as camadas sociaes, deverá ser consequente n'umas da falta d'instrucción, n'outras da falta de educação, e na sua maioria de ambos estes indicios de retrocesso.

Eliminar esta causa é portanto um dos mais instantes deveres da administração publica.

Sim. O que presentemente não póde admittir-se é que essa maioria da nossa sociedade continue na ignorancia completa, a que tem sido votada, não comprehendendo os seus deveres e desconhecendo os seus direitos.

Escolas, escolas primarias, muitas escolas.

Escolas no continente, escolas nas ilhas, escolas nas colonias. Professores abalisados sustentam hoje que a encyclopedia cede o logar á evoluçãõ especialisadora, e portanto abram-se escolas, escolas praticas, escolas para todos.

Na sociedade portugueza, além de se não satisfazer por completo áquellas exigencias da civilizaçãõ, não ha tambem geralmente o que se chama bom senso; isto é, tino, cuidada orientaçãõ, pratica das cousas mais vulgares da vida. Queremos, porém, crêr que da abertura das escolas facilmente nos advirá essa faculdade de bem raciocinar.

Não têm ainda os portuguezes verdadeiro patriotismo, procurando cada um, na sua esphera d'acçãõ, contribuir quanto possivel para o bom nome do seu paiz; mas esse virá naturalmente, como complemento immediato e logico da sua educaçãõ.

E por isso venham as escolas para com ellas fundarmos a base moral da nossa regeneraçãõ.

E assim, quando então deixe de existir o analphabetismo, e os portuguezes saibam impôr aos governos o cumprimento do seu dever, não mais veremos dar-se como hoje a errada applicaçãõ das receitas do Estado, e poderá a nossa patria collaborar com as mais adiantadas nações na grande obra da paz, para a qual tendem todas as civilisações.

Não estamos, leitor, idealizando uma sociedade modelar, mas tentando demonstrar que a nossa, assim instruida e educada, terá facilmente conseguido o seu saneamento moral.

E' possivel que este nosso modo de vêr sincero, honesto, permitta-se-nos a immodestia, nos acarrete o immerecido conceito de ingenuo sonhador, promulgado por especiaes competencias, mas se esta ou aquella doutrina social é boa ou má, que o diga unicamente a pratica. Os amigos da paz não solicitam pessoa alguma para defender os seus principios; antes permitem ampla liberdade de acçãõ seja a quem fôr.

Não é pois justo que os seus contrarios se arroguem o direito, que não têm, de os atacar, sob pena de deixarem de ser correctos, e n'este caso restar-lhes hia, pela nossa parte, o campo livre.

E' portanto assim, segundo crêmos, que, moralmente saneado, Portugal continuará mantendo a sua antiga grandeza.

Admittidas estas considerações geraes, permitta-se-nos que na parte que por ventura lhe sejam applicaveis, nos concentremos ainda que não detidamente no acanhado ambito dos serviços publicos, e especialmente no dos que mais directamente nos interessam.

Os effeitos da desmoralisaçãõ têm-se feito em geral sentir mais n'umas classes do que n'outras. Na do functionalismo publico têm sido mesmo bastante

sensíveis, embora a causa então seja bem outra, pois que segundo nos parece ella reside de preferencia na propria organização dos serviços.

Os serviços publicos no nosso paiz são reorganizados constantemente, não segundo as suas necessidades, mas sim pela entrada para o poder d'este ou d'aquelle partido politico, resultando evidentemente d'este facto contradizerem-se muitas vezes as leis e os regulamentos.

Como principal mas incomprehensivel divisão do respectivo pessoal destaca-se immediatamente a parte civil da militar, recebendo sómente aquella a classificação de empregados publicos, mas usufruindo uns regalias que a outros não têm sido concedidas.

Em resumo um verdadeiro cahos, que tem levado a maioria dos bons funcionarios ao mais profundo desanimo.

Não é por certo nosso intento nem temos a competencia para indicarmos aqui como deveriam constituir-se e desempenhar-se esses serviços; comtudo ácerca dos que nos respeitam algumas breves considerações nos occorrem de momento, que mais ou menos se relacionam com o assumpto de que nos temos vindo occupando.

Os serviços de architectura foram entre nós definitivamente organizados ha vinte annos.

N'essa epocha consignaram-se officialmente auctorisações e preceitos, com o fim de levantar a architectura da situação pouco favoravel em que então se encontrava, apenas como um primeiro esforço que, sendo bem succedido, animaria no mesmo sentido os governos a mais largos empreendimentos.

Os architectos ao serviço do Estado, continuando a manter intacta a dignidade da sua missão, viram contrariada esta promessa ministerial pelas reorganizações subseqüentes, ao mesmo tempo que inversamente têm visto conferir a outras classes de funcionarios importantes melhorias, tanto moraes como materiaes.

Em obras publicas, centralisam-se todos os serviços, e portanto os de architectura, limitando-se quanto possivel a liberdade d'acção dos architectos, não obstante commetter-se-lhes a responsabilidade da execução d'essas obras.

Assim foram supprimidas as commissões e o proprio logar de architecto chefe que, com as tres classes que ainda subsistem, constituia o antigo quadro.

Pelo quadro actual, accrescendo a circumstancia unica com relação a outros quadros technicos de que não ha um só architecto em qualquer situação de serviço que não seja a de actividade, tem o Estado ao seu serviço em todo o paiz apenas *sete architectos*, sendo estes officialmente considerados como auxiliares.

As considerações que este estado anormal de cousas nos suggere são tantas e de tal natureza que não é licito distinguir a mais ridicula pelo numero de funcionarios, da mais deprimente pela invasão de attribuições; e por isso á

opinião publica confiadamente entregamos o encargo dos commentarios que a moralidade do caso de ha muito aconselha.

O que, porém, todos os architectos portuguezes têm o direito de reclamar é que em Portugal, assim como a medicina é dos medicos, a engenharia dos engenheiros, a advocacia dos advogados, a architectura seja dos architectos.

J. LINO DE CARVALHO.

VII Congresso internacional de architectos

No desempenho do honroso encargo de representar a «Sociedade dos Architectos Portuguezes no VII Congresso Internacional de Architectura, realizado em Londres em julho de 1906, vimos hoje relatar o que n'aquella extraordinaria sessão collectiva da nossa classe se tratou de util para o progresso da Arte e da Sciencia em geral, e da Architectura em especial.

Em consequencia de uma decisão tomada na sessão de encerramento do VI congresso internacional de architectos reunido em Madrid em maio de 1904, foi o Real Instituto dos Architectos Britannicos encarregado da organização do VII Congresso em Londres, encargo de que este Instituto se desempenhou superiormente, destacando desde logo alguns dos seus mais illustres membros para junto da secção britannica do comité internacional permanente, afim de com esta secção constituirem o nucleo da commissão central organizadora.

A este grupo foram ainda aggregados pelo Real Instituto mais alguns elementos que este julgou conveniente, e assim ficou constituída finalmente a grande commissão central de organização e de propaganda á qual foram commettidos os trabalhos de tão notavel congresso.

O congresso realizou-se, como dissemos, em Londres, e discutiram-se os themas seguintes :

I—Da execução de edificios importantes destinados ao Estado, e ás municipalidades por funcionarios assalariados.

II—A propriedade artistica das obras de architectura, e a propriedade dos desenhos de architectura.

III—As construcções de aço e de cimento armado :

(a) Considerações geraes.

(b) Casos especiaes relativos á esthetica e á hygiene nas construcções de grande altura.

IV—A educação do publico em architectura.

V—O titulo e o diploma de architecto.

VI—Do architecto-artifice: Até que ponto o architecto deve receber a educação theorica e pratica do artifice?

VII—Da disposição e do desenvolvimento das ruas e dos espaços livres nas cidades.

VIII—Até que ponto, e em que sentido, deve o architecto exercer a sua fiscalização sobre os demais artistas e artífices durante a construção de edificios destinados ao Estado e ao serviço publico?

IX—A responsabilidade dos governos na conservação dos monumentos nacionaes.

X — Da organização dos concursos publicos internacionaes de architectura.

Eis os graves problemas sobre os quaes tinha de pronunciar se o congresso.

Sobre esses dez themas apresentados a tão selecta assemblêa fizeram-se ouvir os mais eminentes architectos de todo o mundo, reunidos n'um intimo convívio de irmãos, com uma comprehensão nitida do nivel moral e intellectual da sua classe, da sua competencia profissional e da missão social que ali representavam, por vezes expressa com singular brilhantismo proprio da sua eloquencia.

Fizeram as suas communicações ao congresso, e sobre as quaes se generalizou a discussão, os seguintes Architectos e Sociedades:

Sobre o

THEMA I

Otto Wagner, pela sociedade dos architectos austriacos.

Oscar Simon, pela sociedade de architectura da Belgica.

Gaston Trélat (França).

Conclusão adoptada:

Que de futuro, por conveniencia das administrações e do publico, e no mais alto interesse da Arte e da Architectura, as administrações publicas (governamentaes, districtaes ou municipaes) não encarreguem de trabalhos importantes de architectura, quer por concurso quer por qualquer outra forma, senão architectos profissionaes qualificados.

THEMA II

Heathcote Statham (Inglaterra).

Gaston Trélat (França).

D. Pablo Salvat (Hespanha).

George Armand (advogado da Sociedade dos Architectos, em Paris).

I.^a Conclusão adoptada:

Que o architecto tem por função produzir um edificio, e que todos os desenhos e papeis preparados por elle para esse fim são indubitavelmente propriedade sua.

2.^a Conclusão adoptada :

O VII Congresso Internacional de Architectura reunido em Londres em 1906 :

Recordando por um lado os votos emittidos de ha vinte annos a esta data em todos os congressos internacionaes de architectura, nos da propriedade artistica e da associação literaria e artistica internacional; mas, muito especialmente no de architectura de Madrid, em 1904. Recordando por outro o Protocolo de encerramento da conferencia diplomatica realizada em 1896 em Paris, o qual consagra o principio de absoluta protecção ás obras de architectura, e ainda a lei hespanhola de 1879 e lei franceza de 1902, as quaes protegem expressamente as obras de architectura.

E' de parecer :

1.^o Que os projectos de architectura comprehendendo os desenhos das fachadas, plantas e cortes constituem a primeira manifestação do pensamento do architecto e a obra de architectura ;

2.^o Que o edificio não é mais do que uma reprodução sobre o terreno dos desenhos de architectura;

E renova o voto de que as obras de architectura sejam protegidas em todas as legislações e por todas as convenções internacionaes, á semelhança do que se pratica com todas as outras obras de arte.

THEMA III

Sociedade dos Cimentos Armados (Inglaterra).

Henry Adams (Inglaterra).

Goodrich, engenheiro (representando a Sociedade dos Engenheiros Civis Americanos).

Cloquet (pela Sociedade Central de Architectura da Belgica).

Joaquin Bassegoda (Hespanha).

Peter Wight (America)

Gaston Trélat (França).

Conclusão adoptada :

Que o congresso é de opinião que se proceda a um inquerito rigoroso, para se estabelecer o numero de casos em que trabalhos, executados em cimento-armado, não corresponderam aos resultados esperados e sobre as causas que a isso deram origem.

THEMA IV

John Belcher (Inglaterra).

F. G. Jackson (Inglaterra).

Arthur Hill (Irlanda).

Othonar von Lecixner (Austria).

Herr Muthesius (Allemanha).

Bamster F. Tletcher (Inglaterra).
 Jean Gilson (Belgica).
 Francisco del Villars y Carmona (Hespanha).
 Manuel Vega y March (Hespanha).
 Edoardo Mercader y Saccavella (Hespanha).
 Sociedade dos Architectos Austriacos.
 Gaston Trélat (França).
 Gaston Anciaux (pela Sociedade Central de Architectura da Belgica).
 Albert Mayeux (França).

Sobre este thema não foi possível chegar-se a uma conclusão.

THEMA V

Robert Walker (Inglaterra).
 John S. Archibald (Canadá).
 Louis Bonnier (França).
 Sociedade dos Architectos Austriacos.
 Gaston Trélat (França)

Foi sobre este thema que se levantou maior e mais viva discussão, sem contudo ter sido possível chegar-se a um resultado satisfatorio.

THEMA VI

Reginald Bromfield (Inglaterra).
 W. R. Lethoby (Inglaterra).
 J. M. Poupinel (França).
 Fr. Van Gobbélschroy (pela Sociedade Central de Architectura da Belgica)
 Sociedade dos Architectos Austriacos.
 Gaston Trélat (França).
 Robert Lesage (França).
 Conclusão adoptada :

Este congresso, considerando que o architecto, mestre dos trabalhos, tendo immediatamente sob as suas ordens operarios e artifices de todas as classes mais diferentes da população, e servindo-se das industrias mais variadas; não tem meio algum de adquirir de cada um d'estes officios e em cada uma d'essas industrias os conhecimentos completos d'um especialista, exprime a opinião de que seria muito para desejar que aos estudantes de architectura se lhes proporcionasse a occasião de adquirirem, de modo geral e exacto, a parte technica dos diferentes officios e industrias sem de modo algum pretenderem exercer esses officios e essas industrias.

THEMA VII

Raymond Unwin (Inglaterra).
 Herr Stubben (Alemanha).
 E. Henard (França).
 B. Polles y Vivo (Hespanha).
 J. Majo y Ribos (Hespanha).
 M. Bertran de Quintana. (Hespanha).
 Sobre este thema não foi possível chegar a uma conclusão.

THEMA VIII

W. B. Richmond (Inglaterra).
 H. P. Nenot (França).
 C. B. Muller (Alemanha).
 Associação dos Architectos da Catalunha (Hespanha).
 Sociedade dos Architectos Austriacos.
 Gaston Trélat (França).

Este thema também não obteve solução.

THEMA IX

G. Baldwin Brown (Suecia).
 A. Bernard (França).
 Escola de Architectos e Engenheiros de Toscana (Italia).
 W. R. Lecthaby (Inglaterra).
 Gaston Trélat (França).
 Joseph Artegas y Ramoneda (Hespanha).

Conclusão adoptada:

Que em todos os estados sejam os governos auctorizados a expropriar por utilidade publica, sempre que assim seja necessario, qualquer monumento que represente valor historico, artistico ou archeologico, e que, em poder do seu proprietario não seja convenientemente conservado.

THEMA X

J. Gadet (França).
 Sociedade «Architectura et Amicitia» (Hollanda).
 Gaston Trélat (França).

Conclusão adoptada:

1.º O comité permanente nomeará uma comissão especial composta de 7 membros que estudará a questão dos concursos publicos internacionaes para o proximo congresso.

2.º O programma deve declarar que os membros do jury pelo facto de acceitarem este encargo não têm nem terão directa ou indirectamente nenhum interesse material na execução dos trabalhos postos a concurso.

Pelo numero e natureza dos trabalhos apresentados á assembléa e pelas doutrinas n'ella expendidas e que foram motivo de larga discussão se avalia o enorme labôr que tão aturados esforços realizaram. Importantes conclusões resultaram d'essa permuta de ideias e de aspirações trazidas á tela da discussão por tão altas sumidades, que, comungando nas mesmas ideias e trabalhando pelo mesmo ideal, estão naturalmente familiarisadas com todos os assumptos da nossa profissão.

Nem todas as questões porém obtiveram solução, apesar de algumas d'ellas já terem sido tratadas com a mesma competencia e elevação de vistas nos congressos realizados anteriormente. Estes assumptos vão por conseguinte ficando sucessivamente adiados afim de darem logar a novos estudos, sempre tendentes a encontrar a conclusão desejada. Quem sabe, até, se algum destes problemas ficará eternamente sem ella como parece querer succeder com o thema V.

Não nos sendo possível, a menos que publicassemos numerosos volumes do nosso Anuario, dar uma ideia ainda que incompleta de todo o trabalho associativo internacional, preparado para este congresso pela classe a que nos honramos de pertencer, não resistimos comtudo á tentação de transcrever uma das principaes senão a principal communicação feita ao VII Congresso e que até por méra casualidade foi a primeira na ordem chronologica da inscripção dos trabalhos, posto que tambem este estudo versasse sobre o primeiro thema a discutir.

Em seguida transcrevemos trabalho do eminente architecto austriaco Otto Wagner, professor da Escola Imperial das Artes Plasticas, e na propria lingua em que foi escripto e lido na sessão inaugural de trabalho do congresso para lhe não tirarmos o seu verdadeiro sabôr.

Pour la Société des Architectes Autrichiens

«Il sera utile d'expliquer d'abord le plus clairement possible la signification du mot architecte et le développement de cette profession, parce que toutes les differences d'opinion ont leurs racines presqu'entièrement dans lá compréhension plus ou moins correcte de ces conceptions.

Pour ce qui a rapport au développement de la profession de l'architecte, il faut prendre en considération que les capacités artistiques, telles que l'habilité manuelle, l'imagination, le goût, l'individualité et une certaine veine d'invention sont des qualités que l'architecte doit posséder comme artiste, mais qui ne peuvent pas être apprises. De l'autre coté il y a l'education générale et le savoir technique en matière de constructions, capacités que l'architecte doit posséder mais lesquelles il est possible d'acquérir.

Le matériel scientifique à acquérir par l'architecte a atteint très vastes dimensions, de sorte qu'il est devenu necessaire de le diviser, c'est-à-dire de le séparer en sciences spéciales. Pour cette simple raison, déjà, il est impossible à l'etudiant architecte d'acquérir la connaissance

complète de ces matières spéciales, puisque le temps à sa disposition et la receptivité de l'individu sont limités.

Comme l'architecte pendant tout le temps de son activité cultivera en première ligne le régime de l'art qui de nos jours a envahi un vaste terrain même dans la littérature, mais qu'en même temps on exige de lui qu'il ait connaissance de toutes les innovations techniques, il ne peut s'agir pour l'artiste en architecture que son éducation technique et scientifique s'étende suffisamment pour qu'il comprenne l'essence de toutes ces sciences, ainsi que leurs progrès, et que cette connaissance le rende capable dans son travail pour mettre les progrès de l'humanité au service de l'art.

Son éducation technique doit, en outre le mettre en état de savoir choisir les constructions les plus adaptées et les propres matériaux pour leur construction; il y a plus: son savoir, en combinaison avec sa veine innée pour l'invention, doit de rendre capable d'inventer de nouvelles constructions ou de changer celles qui existent de manière qu'elles repondent entièrement à ses dessins. De cela il résulte que la pratique et l'expérience que l'architecte acquiert au cours de son activité doivent être basées sur des connaissances suffisantes.

Seulement après une éducation technique soignée on peut décider la question si l'aspirant à la profession de l'architecture possède ces les qualités innées qui peuvent faire espérer un succès en entrant dans cette carrière.

Il y a donc dans le développement de l'architecte une limite fortement marquée. Cette limite se trouve comme indiquée et d'une manière naturelle entre l'éducation technique complètement acquise et l'entrée dans une Académie des arts plastiques.

L'académie, c'est-à-dire les professeurs qui y enseignent, ont le devoir d'examiner et de décider si l'aspirant possède les qualités innées mentionnées plus haut ou non.

On ne peut trop recommander aux professeurs d'exercer la plus grande sévérité dans ces examens, parce que le résultat de cet examen aura une grande influence sur la qualité artistique générale de la profession, et parce que seulement de cette manière on peut éliminer cette catégorie d'architectes pour rire que de nos jours jouent leurs rôles au détriment de l'art et des artistes.

Nous nous permettrons de conseiller à ces États civilisés, les écoles desquels le rendent possible à tout étudiant qui a passé les examens techniques des classes supérieurs de choisir la profession d'architecte, même sans qu'il possède la capacité artistique nécessaire, de discontinuer cette méthode.

Il faut encore remarquer d'une manière toute spéciale que pour les architectes il ne peut y avoir qu'une seule école d'art, et celle ci ne peut être autre qu'une Académie de l'art plastique; une Académie pour la raison que l'art ne peut pas être enseigné, que par conséquent il ne peut pas non plus être mis dans un plan d'instruction, et que l'éducation artistique ne consiste qu'en ce que le professeur montre à élève le vraie chemin vers la perfection et qu'il le détermine par sa propre activité à prendre ce chemin.

C'est pourquoi il est parfaitement faux si des écoles techniques supérieurs et les écoles des arts industriels reçoivent dans leur plan d'enseignement la préparation à la profession d'architecte, parce que des étudiants non choisis il résulte immanquablement des qualités inférieurs pour la profession d'architecte.

De ce qui a été dit jusqu'ici il résulte que l'architecte est un artiste pourvu d'une éducation scientifique. Mais avec les études techniques terminées avec succès par l'individu et avec l'apprentissage académique la conception d'architecte n'est point encore épuisée. Il lui manque encore l'activité pratique et l'expérience qui en résulte.

Si le temps d'apprentissage de l'architecte est déjà très long en soi, il est encore considérablement prolongé par la période pendant laquelle il acquiert la pratique dans un atelier.

Dans cette période de l'apprentissage d'un architecte (son apprentissage ne finit qu'avec sa mort), il se trouve de nouveau devant des bifurcations de sa carrière: c'est-à-dire, devant

ses capacités spéciales. Les circonstances décident de lui, soit d'accepter la lutte pour l'existence, ou bien d'entrer dans le part sûr d'un emploi. Dans cette décision sa qualité d'artiste joue le rôle principal, car plus elle est forte, plus facilement il saura refuser les liens attrayants d'un emploi, sauf celui d'enseigner sa profession même.

Le chemin du développement de l'architecte décrit jusqu'à présent est le chemin normal, mais il faut remarquer dès ici qu'il n'est certainement pas le seul, et qu'il y aura des cas assez fréquents dans lesquels les capacités innées de l'architecte, autrement ses talents, sont si grands qu'une déféctuosité dans l'éducation scientifique n'entre guère en considération.

Cette circonstance, ainsi que celle qu'il n'y aucune limite de talent, soit en plus soit en moins, en outre le fait qui ne peut être tiré en doute, que les premiers architectes du monde en beaucoup de cas ne pourraient se mettre d'accord sur la question de qui est architecte et qui ne l'est pas, donnent la preuve certaine que le titre d'architecte ne peut être breveté et qu'un jugement de qualités artistiques n'est possible que par les artistes mêmes, c'est-à-dire par le groupement des artistes entre eux.

Dans cette dernière circonstance se trouve à son tour la preuve que les administrations gouvernementales e municipales ne sont pas même en état de faire le propre choix d'un artiste pour le placer dans un emploi donné.

Un autre facteur important entre encore en considération en faisant un tel choix. L'architecte nommé à un emploi n'y jouera certainement pas de premier rôle. Son individualité, son goût, etc., doivent par conséquence se subordonner à ces qualités de son supérieur, ou peut-être même de ses supérieurs. Les travaux exécutés dans cet emploi ne montreraient donc point les capacités, le goût et l'individualité de l'artiste créateur, mais ceux, certainement inférieurs, de ses supérieurs; et comme de semblables supérieurs sont dans la plupart des cas privé de connaissances artistiques ou même seulement techniques, il n'est guère nécessaire de donner des raisons pourquoi d'une telle combinaison il ne peut jamais résulter rien de bon.

Il faut encore mentionner que les qualités artistiques de l'artiste, plié sous le joug de l'employé, ne peuvent jamais recevoir le développement absolument nécessaire. Ces considérations confirment suffisamment qu'une administration gouvernementale ou municipale n'est pas dans la position de pouvoir s'assurer des artistes de premier ordre comme employés salariés.

Mais les administrations d'État et des villes ont sûrement le devoir sacré de cultiver les arts: cela veut dire, par égard à l'architecture, que les édifices construits par elles doivent pouvoir servir de modèle. De tels travaux ne peuvent être produits que par de grands artistes, et non par des employés d'une capacité artistique inférieure.

Pour les mêmes raisons l'autorité d'employés ne doit s'étendre que sur le contrôle pratique, technique et économique, mais jamais sur un contrôle de la partie artistique des édifices. Si finalement on considère que par la révolution qui eut lieu dans les régions de l'art il y eut partout une lutte violente et que l'opinion publique ne s'est guère calmée jusqu'à nos jours, et que par conséquent elle n'est pas dans la position de pouvoir juger des travaux d'art avec des sentiments artistiques non influencés, nous avons allégué un si grand nombre de raisons que la réponse correcte à la première question nous devient facile; elle ne peut-être que comme ceci.

D'importants édifices gouvernementaux e municipaux ne peuvent être construits que par des artistes éminents, et non pas par des employés salariés.

Les considérations faites jusqu'ici rendront beaucoup plus facile la solution d'autres questions posées au Congrès.»

Os paizes representados no congresso foram:

Austria, Belgica, Canadá, Dinamarca, França, Alemanha, Hollanda, Hungria, Italia, Mexico, Nova Zelandia, Noruega, Portugal, Russia, Africa do Sul

(colônia do Cabo), Natal, Transvaal, Hespanha, Suecia, Suissa, Turquia e Estados-Unidos (America do Norte).

As nações representadas por maior numero de architectos foram a França, a Allemanha, a Belgica e os Estados-Unidos. Por parte de Portugal assistiram os architectos: Ventura Terra, Lino de Carvalho, José Teixeira Lopes e quem escreve estas linhas, assim como os pintores Vellozo Salgado e Jayme Verde; mas, a nossa representação não se limitou por aqui: quiz uma circumstancia, altamente honrosa para o nosso paiz, e especialmente para a classe dos architectos portuguezes, que a Italia, a patria das Artes, contasse tambem um architecto portuguez, entre os seus dois delegados officiaes, o notavel e glorioso artista Alfredo de Andrade que desde muito novo reside em Italia e onde á custa do seu brilhante talento, tem conquistado um logar proeminente entre os mestres italianos, e entre os quaes se acha hoje presidindo aos destinos da architectura d'aquelle paiz.

Já na exposição universal de Paris de 1900, onde tivemos a honra de pela primeira vez o conhecermos pessoalmente, ali se achava em identica missão de confiança do governo italiano de camaradagem com notaveis architectos d'aquella nação a assistir á construcção do monumental pavilhão da Italia e suas sumptuosas installações nas differentes galerias da Exposição. Alfredo de Andrade que em companhia do grande architecto Canizarro representavam oficialmente a Italia n'este ultimo congresso foi ainda o escolhido para em nome d'aquelle paiz fazer o discurso da sessão inaugural.

De Portugal foi delegado official o nosso illustre collega Ventura Terra, que na referida sessão de abertura, e em nome do nosso paiz, proferiu n'um correcto francez o seguinte discurso:

«Alteza, meu Senhor, minhas Senhoras e meus Senhores: — E' para mim grande honra e ao mesmo tempo ineffavel prazer usar da palavra n'esta assemblea tão distincta: grande honra, porque fui encarregado pelo meu governo, de saudar suas magestades o rei e rainha de Inglaterra, amigos sinceros de Portugal, sua alteza real a princeza Luiza, o Duque de Argyll, lady e lord Mayor, as auctoridades da «City» e ainda os meus collegas inglezes e de outros paizes que vem tomar parte nos trabalhos do congresso que se inaugura n'este momento; ineffavel prazer, porque é sempre muito agradavel exprimir os nossos sentimentos, e eu sinto me orgulhosamente satisfeito de me encontrar comvosco e poder manifestar publicamente a minha admiração pelas altas qualidades d'este grande paiz no qual me encontro ha dias verdadeiramente encantado.

Considero-me ainda feliz por ter esperanza de que os bons resultados do congresso continuarão a espalhar no universo os beneficios da alta civilisação que representam as questões que elle se propõe estudar».

Após a sessão inaugural que teve logar a 16 de julho no Guildhall, sob a presidencia de sua alteza real a princeza Luiza, seguiram, em todos os dias uteis as

sessões de trabalho que se effectuaram sempre de manhã, sendo as tardes aproveitadas para visitas aos monumentos de Londres, sendo os principaes a vêr: Buckingham Palace Gardens, Westminster Abbey, S.^t Paul's Cathedral, S.^t Bartholomeu's Smithfield, Institute of Chartered Accountants, Kensington Palace, Tower of London and Tower Bridge, Victoria and Albert Museum and Royal college of Science, Greenwich Hospital, Houses of Parliament, Westminster Cathedral; alternadas com as excursões fóra de Londres, taes como: as Universidades de Oxford e Cambridge, a Windsor Castle, Hampton Court Palace, Hatfield House, Bridgewater House, etc.

Uma interessante exposição de architectura, expressamente organizada para o congresso, completou o programma de estudos, que praticamente terminaram com a visita aos ateliers de construcção das duas mais importantes casas de Londres, universalmente conhecidas: Holloway's Works, e Doulton's Potteries, visitas amavelmente solicitadas pelos seus dignos proprietarios que gentilmente offereceram um delicado punch aos assistentes.

Festas, recepções, soireés deliciosas, tiveram logar em honra dos congressistas, offerecidas sucessivamente por Lord Mayor da cidade, na Mansion House, pela Academia Real de Bellas-Artes, no soberbo edificio da Academia, com todo o esplendor das suas preciosissimas colleções; pelo Instituto Real dos Architectos Britannicos, (festival nocturno no jardim Botânico de Londres) Regent's Park, pela Sociedade dos Artistas, no edificio da sua séde social, etc.

No ultimo dia de trabalho, depois da votação ter designado Vienna d'Austria, para ali ter logar o VIII Congresso de Architectura, em maio de 1908, effectuou-se o banquete de despedida no vasto e deslumbrante salão do «Cecil Hotel», que para esse fim tinha sido brilhantemente decorado, comparecendo ali perto de mil congressistas, e senhoras de suas familias, e onde todos foram ainda muito cordalmente trocar as suas ultimas impressões.

E assim terminou aquelle convívio intellectual de alguns dias, onde se travaram relações affectuosissimas, que com immensa saudade recordâmos.

Superfluo seria pois encarecer aos collegas, as vantagens que resultam d'estas grandes reuniões collectivas; e quanto os architectos portuguezes têm a lucrar, com a permuta de ideias e de aspirações com os seus eminentes collegas estrangeiros, melhor preparados e respeitados do que nós, pelo illustrado meio em que vivem.

JOSÉ ALEXANDRE SOARES

PRO LABOR

Ao Conselho Director da Sociedade dos Architectos Portuguezes foi durante, a ultima gerencia, apresentada uma proposta que, pelo assumpto de que tracta, nos parece de interesse publicar.

«Em sessão ordinaria d'esta Sociedade, effectuada em 9 de julho de 1904, submettemos á apreciação dos nossos collegas a proposta do theor seguinte :

«Tendo o VI Congresso Internacional de architectos votado ás seguintes conclusões :

Thema n.º 6 — Instrucção dos operarios da construcção.

1.º — *Os governos, as municipalidades e as collectividades profissionaes devem dedicar uma attenção muito particular á instrucção tecnica do operario da construcção.*

2.º — *Este ensino deve abranger todos os ramos da construcção e não se limitar a especialidades mais ou menos artisticas, para as quaes já existam escolas.*

3.º — *O ensino deverá ter um caracter tão pratico, quanto possivel, com o fim de crear bons operarios da construcção.*

4.º — *A direcção das respectivas escolas será confiada exclusivamente a architectos e o ensino a technicos das diversas especialidades e mestres d'obras experimentados.*

5.º — *Estas escolas concederão certificados de fim de estudo, e não diplomas que possam dar logar a falsas interpretações.*

6.º — *Classes supplementares se devem estabelecer para os operarios que, tendo trabalhado pelo menos tres annos na construcção, possam por estudos complementares, adquirir o titulo de mestre.*

7.º — *As sociedades de architectos estimularão os operarios da construcção por meio de pensões, medalhas e outras recompensas.*

— Proponho que a nossa sociedade as tome na devida consideração, envidando todos os esforços para lhe dar plena sancção no nosso paiz.»

Foi então deliberado que esta ficasse sobre a meza para ser discutida em sessão, que exclusivamente lhe fosse destinada.

Da importancia dos trabalhos associativos da gerencia transacta exuberantemente se occupa o nosso Annuario, e teria excedido portanto n'essa occasião os limites de inconveniente exigencia a manifestação do nosso desejo individual para que, patrocinando-a, fosse dado immediato cumprimento áquella resolução.

Com referencia á do actual Conselho Director, sendo tão complexo como completo o seu brilhante programma, em que este assumpto está mesmo comprehendido, é por certo abusar da sua illimitada dedicação virmos recordar-lh'a.

Mas, é precisamente pelo facto de reconhecermos que não tem limites esta sua rara mas preciosa qualidade associativa, e que lhe será até agradavel o ensejo que lhe proporcionâmos de prestar mais um relevante serviço á causa verdadeiramente justa do operariado, que nos animamos a pedir-lhe urgencia, na certeza de que esta bella iniciativa será coroada de bom exito.

*

* * *

No anno proximo passado quando, sob a preocupação da satisfação de um dever social, apresentámos esta nossa proposta, acabavamos por assim dizer de chegar de Madrid, e não tivemos por isso o tempo necessario para devidamente a fundamentar e detalhar.

E, com a maxima franqueza o declarâmos, muito nos apraz agora que assim succedesse, porque posteriormente tivemos oportunidade de tomar conhecimento não só do interessante relatório do representante da nossa Sociedade n'aquelle congresso, como de outras propostas egualmente sensatas, todas tendentes áquelle mesmo fim, embora sob diversas formas; o que nos demonstra ainda ter effectivamente havido sempre por parte da nossa Sociedade o mais decidido empenho em promover o desenvolvimento da instrucção dos operarios da construcção, do qual muito depende a melhoria da sua deprimente situação.

Abstrahindo completamente de considerações de varia especie, que nos levariam até ao ponto de significar quanto os governos, substituindo o direito pela força, lhes convêm este estado de atrasamento, não podemos no emtanto deixar de registar quanto elle é considerado melindroso pelos que sincera e honestamente cuidam do dia de amanhã.

A actual questão social, por excellencia, é sem duvida, segundo muitas auctoridades sobre o assumpto, — a economica.

No emtanto a questão do operariado, que no passado anno como de momento nos propomos attingir, é como consequencia d'aquelle, senão a mais importante, pelo menos uma das de maior alcance para a sociedade, em geral.

Com effeito, parece que o trabalho está ao presente injustamente vencido pelo capital, e para desejar seria que estes dois factores, evolutivamente se equilibrassem.

Mais bella, mais util e mais natural seria de facto essa harmonia, do que é a lucta funesta, que se pretende manter.

Se ha realmente causas que determinam o desequilibrio, procuremos pouco a pouco eliminal-as.

A característica actual do operario no nosso paiz é a penuria. D'esta principalmente depende hoje o seu mal-estar.

E, n'este ponto permitta-se-nos que divaguemos para avançarmos que misera considerâmos a maioria dos portuguezes, d'esses portuguezes que foram grandes e que hoje, embora luctando, apenas tentam viver das suas gloriosas tradições. E como havemos de volver á grandeza, á pujança intellectual, se de facto nem sempre se procura attender sériamente ao desenvolvimento da instrucção, que é a base fundamental do bem-estar social.

E' realmente extraordinario o grande problema da vida, na actualidade. Mas qualquer, restringindo-se á concentraçao das suas lucubrações, passando assim em revista geral tudo quanto no mundo se conhece, e pondo de parte todos os nadas do egoismo, reconhece por certo que, se a intellectualidade quizesse esse equilibrio, este havia de estabelecer-se, e nenhuma força, fosse de que natureza fosse, lhe poderia oppôr resistencia.

O que para isso se torna pois instantemente indispensavel é a instrucção, só a instrucção, unico guia que dá a felicidade, a que tem direito toda a humanidade.

Sem aquella, nunca esta se alcançará.

N'estes termos, parece-nos que, para o nosso caso especial, é urgente reunirmos todas as boas vontades manifestadas, como base de um estudo sério, que a Sociedade dos Architectos Portuguezes se imponha emprehender.

E, como a nossa primitiva proposta referida, de 9 de julho de 1904, abrangia o conjuncto das deliberações tomadas sobre o assumpto pelo citado congresso internacional, e as propostas subsequentes dos nossos consocios não tractam da sua parte propriamente honorifica, não hesitamos em apresentar, de accordo com o n.º 5 do artigo 1.º dos nossos estatutos, e como subsidio de estudo, a ideia de a nossa sociedade crear uma medalha, que se denomine *Pro Labor*, destinada como incentivo a todos os operarios que tenham dado provas de competencia e probidade no exercicio dos seus misteres e por isso d'ella se tornem dignos, e de no mais curto praso abrir concurso publico entre artistas nacionaes, com um unico premio, para a sua execução.

*

* *

De tudo pois quanto acabámos de expôr e englobando n'uma unica todas as mencionadas proposições, parece-nos poder concluir que, como demonstração inicial do firme proposito em que nos achâmos de, por nossa parte, concorrer para a effectiva reivindicação dos direitos que assistem ao operariado, é dever nosso compromettermos-nos a dar-lhe plena execução, antes da realisação do VII Congresso de Architectos, honrando assim o nosso voto na ultima grande assembléa internacional de classe.

São estes os protestos do nosso sentir, que confiadamente depômos nas mãos dos illustres membros do Conselho Director da Sociedade dos Architectos Portuguezes, que se o julgar conveniente, promoverá :

1.º — que se fixe desde já a percentagem das receitas extraordinarias com que, durante o corrente anno economico, a nossa Sociedade concorrerá para o Albergue dos Invalidos do Trabalho e para o Mealheiro das Viuvas e Orphãos dos Operarios, como foi proposto pelo socio Francisco Carlos Parente e approvedo em sessão de assembléa geral de 10 de julho ultimo ;

2.º — que se lancem com a possivel brevidade as bases para a criação da escola livre para operarios da construcção, proposta pelo socio Adães Bermudes e unanimemente approveda em sessão de assembléa geral d'esta Sociedade, que teve logar em 24 de julho do corrente anno ;

3.º — que logo no dia da inauguração da escola livre para operarios da construcção, se proceda á primeira distribuição solemne da medalha *Pro Labor*.

(a) JOÃO LINO DE CARVALHO.

EDUCAÇÃO OPERARIA

Entre varios problemas de character mais ou menos complexo, que a sociedade dos architectos portuguezes tem procurado estudar e resolver, um ha que pela sua importancia social merece especial attenção e cuidado.

Esse trabalho que não pode ser levado a effeito rapidamente porque carece de muito estudo e observação, afim de que o problema tenha uma solução util, como convem em taes casos ; deve no entanto, constituir uma das mais constantes preocupações da nossa classe.

Não só d'uma forma generica tudo quanto seja estabelecer a propaganda a favor da instrucção geral, no salutar cumprimento de transmittirmos o pouco mais que possâmos saber aos menos instruidos, mas porque a classe do operariado de construcções civis carece de conhecimentos que completem as suas faculdades nativas.

Referimo-nos naturalmente aos processos adoptados na instrucção professional pois que a complexibilidade d'esses conhecimentos determinam d'uma forma generica a educação da collectividade a que se referem.

Se dermos um rapido balanço ao estado geral da instrucção operaria, facil é encontrar artistas perfeitos na execução dos misteres que lhe são confiados; mas poucos são os que conseguem produzir convenientemente, todas as vezes que se lhe exijam fórmulas differentes d'aquellas que estão habituados a executar e peor ainda, quando o seu poder inventivo tenha que proceder livremente.

O paiz tem d'uma forma geral dormido sobre a educação artistica, a começar pelos poderes publicos que em materia d'arte só teem conhecido a arte de fazer politica.

Mas procurando as causas determinativas d'este atrazo, vê se que ellas residem na pessima organização dos cursos elementares do nosso paiz, desde a escola primaria até ás escolas industriaes.

Na primeira, a que geralmente teem frequentado os mais instruidos, attingindo o primeiro exame elementar, o ensino é pouco util em fórmulas graficas e nada diz de aproveitavel sobre arte elementar, de fórmula tal que umas linhas geometricas ensinadas sem uma orientação definida, sem objectivo de utilidade, aprendem-se sem a intenção de mais tarde as saber applicar.

Nas escolas industriaes, pela complexidade demasiada do ensino, essa preocupação terrivel de tornar os cursos difficeis e assustadores, afugentam quem os poderia aproveitar. Um operario que consiga completar um d'esses cursos pela superioridade de conhecimentos scientificos de chimicas, algebras, mechanicas, physicas, etc. não pode aceitar a contingencia de estar ao banco de carpinteiro ou manejando o cinzel ou o escopro na officina, e muito menos sobre um andaime a construir paredes.

A fortificar esta pessima orientação e ainda como sua consequencia, o desenvolvimento artistico do paiz está e tem estado n'um plano de grande inferioridade.

Assim, na melhor das hypotheses, o rapaz que tenha feito o exame de instrucção primaria, tal como tem sido orientado entre nós, cheio de pedagogias muito conceituosas em theorias, e vá para uma officina aprender o officio; ali, pela falta de educação artistica o rapaz começa a produzir por espirito de imitação e consome toda a sua aprendizagem segundo as formulas do mestre.

Quando se julga artista, vem applicar na vida profissional toda a somma de conhecimentos adquiridos ao mestre da officina, reproduzindo-lhe os defeitos e as virtudes.

Isto dá o resultado de uma educação de estampilhagem recortada nas mesmas imperfeições, acanhada de formas, de modo que não é raro, quando se procuram novos modelos ou novos processos, encontrar reluctancia e muitas vezes até a descrença por parte dos artistas quando os trabalhos que se desejam produzir, apresentam formas extranhas ás que materialmente lhe ensinaram.

Tanto mais lamentaveis são estes resultados, filhos da sensível e manifesta falta de um proveitoso ensino, que ao operario portuguez não lhe faltando a ha-

bilidade nativa e a perfeição do acabamento, é no entanto alheio a principios geraes de proporcionalismo, combinação de linhas e equilibrio de formas.

Do melhor ou peor ensino resulta a melhor ou peor educação professional, e quem tenha na vida pratica lidado com os nossos operarios deverá concluir o quanto são de applicados e o bom desejo que teem de acertar; mas poucas vezes attingem bons resultados porque lhes faltam grandes bases, as mais importantes de todas, o ensino, e portanto a sua educação professional é incompleta e deficiente.

Curioso seria por classes estabelecer a estatistica de conhecimentos entre os nossos operarios, e não seria difficil encontrar um grande numero que mal sabem lêr, e raros, rarissimos, os que n'um caso mais simples de uma esquadria, de uma perpendicular, saibam applicar os elementos de regras geometricas, e nenhuns, talvez, que tenham a noção de proporcionar uma combinação de molduras ou traçar a linha d'um perfil com elegancia de forma e equilibrio de volumes.

O que seria então para desejar, era que a iniciativa das classes que directamente privam com os operarios estabelecessem o ensino livre.

Não pensamos nas estações officiaes porque essas a não sêr escolas eleitoraes ou centros de *politiquices*, outros elementos de ensino proveitoso não facultam.

Cumpre-nos a nós architectos que bem comprehendemos a utilidade de termos os nossos operarios convenientemente educados nas suas profissões, porque elles são os executantes dos nossos projectos, o levarmos a effeito tão utilitaria como generosa empresa.

Convencido estou que um grande numero dos nossos operarios se interessará por frequentar á noite uma escola livre, sem os feitios de pretenciosos pedagogos, nem os rigores dos meninos vigiados pelos continuos, em que nós em linguagem corrente, aquella que se emprega na vida pratica na officina e nas obras, lhe ensinemos uns elementos de geometria applicada ao officio, e que tanto interessa ao canteiro como ao carpinteiro ou ao pedreiro, serralheiro etc.

Noções geraes de representação de planos, e projecções geometricas, modelação de molduras e ornato.

Que em lições de exposição com a forma prelectiva se lhes ensine noções de estylos, apresentando-lhes os modelos por meio de projecções luminosas; que se lhes explique a leitura de uma planta, d'um corte, d'um alçado, e a confecção de um detalhe.

Feito isto, educando artisticamente os que executam, os que trabalham, começando pelas classes menos aristocraticas da sociedade, os seus reflexos devem-se fazer sentir n'outras classes que hoje aparentando uma pseudo educação artistica, são bem os culpados do estado de atrazo em que se encontram os primeiros e por isso mesmo, bem mais perigosos do que estes.

EXCURSÃO A EVORA

Proseguindo na série de excursões, iniciada em julho de 1904, e no cumprimento de uma das clausulas dos seus regulamentos, acaba de realizar a Sociedade dos Architectos Portuguezes nos dias 27 e 28 de maio do corrente anno, a segunda excursão de visita e estudo aos monumentos nacionaes do paiz.

Foi Evora, a historica e interessante cidade do Alemtejo, que o conselho director d'esta Sociedade escolheu para assumpto da excursão.

Pela exuberancia de edificios e trechos architectonicos que possui, é realmente uma cidade digna de admiração e estudo, e por isso não podia ser mais acertada a resolução do conselho, que se compunha dos srs.: Adães Bermudes, Carlos Parente, A. Marques da Silva, Costa Campos e Alvaro Machado.

Abrindo-se a inscripção entre os seus associados e familias, inscreveram-se os srs.: Arthur Rato, F. Carlos Parente e esposa, Alfredo d'Ascensão Machado, Adolpho Antonio Marques da Silva e esposa, A. R. Adães Bermudes e esposa, José Alexandre Soares, João Lino de Carvalho e irmão, Alvaro Machado e esposa, Jayme Ignacio dos Santos e Alfredo M. da Costa Campos.

O programma da excursão préviamente approved pelo conselho director e elaborado por dois dos seus membros, foi rigorosamente cumprido pela fórmula seguinte:

Dia 27 — Partida de Lisboa, estação do Terreiro do Paço, ás 8 horas da manhã. Almoço em viagem no *wagon-restaurant* entre as estações do Barreiro e de Vendas Novas.

Chegada á estação de Evora ás 12,37 da tarde e transporte em trens até ao Hotel Eborense.

A partir da 1 hora da tarde: visita ao Templo Romano, Sé, Convento da Graça, Convento do Carmo e Casa Garcia de Resende.

A's 6 horas da tarde, jantar no hotel.

Dia 28 — A partir das 9 horas da manhã: visita á Universidade, Paço archiepiscopal e Museu archeologico.

Ao meio dia: almoço no hotel.

A partir da 1 hora da tarde: visita ao Aqueducto, Theatro, Paço Real de D. Manuel, Igreja de S. Francisco, Jardim Publico e Ermida de S. Braz.

A's 5,25 partida.

A's 7,30 da tarde, jantar no *wagon-restaurant* entre as estações de Vendas Novas e de Barreiro.

Chegada ao Terreiro do Paço ás 10,20 da noite.

Como na excursão anterior, foi concedido pela Administração dos Caminhos de Ferro do Estado, o bonus de 50 0/0 nos preços das passagens.



Grupo de excursionistas

Durante a visita ao Templo Romano, Sé e Igreja de S. Francisco, foram feitas as descripções d'estes monumentos, respectivamente, pelos srs.: Adães Bermudes, Costa Campos e F. Carlos Parente, que os excursionistas muito applaudiram.

Estas descripções que deverão constituir o objecto das monographias que fazem parte d'esta noticia são acompanhadas de outras duas ácerca de N. S. do Espinheiro por J. Lino de Carvalho e Ermida de S. Braz por A. Marques da Silva.

A publicação, no Anuario, de todos estes trabalhos foi resolvida pelo conselho director da Sociedade, que d'isso incumbiu os seus auctores.

Na visita ao paço archiepiscopal, foram os excursionistas recebidos pelo sr. arcebispo de Evora, D. Augusto Eduardo Nunes, uma das figuras mais brilhantes do clero portuguez e que para os excursionistas foi de uma cortezia e affabilidade que a todos penhorou. Ali apreciaram entre varias telas de valor o admiravel quadro de pintura gothica attribuido a Christovão Utrechet.

Igualmente, a recepção que teve o grupo dos architectos por parte do presidente da Camara Municipal de Evora, deixou os excursionistas bem impressionados e gratos.

Por motivo de se approximar a hora da partida para Lisboa e apesar de muito terem admirado, não poderam, os architectos, como desejavam visitar outros edificios notaveis, por ficarem ainda distantes da cidade.

Terminando, diremos ainda que o entusiasmo e camaradagem d'estas excursões, cresce cada vez mais, sendo por isso desnecessario encarecer a sua reconhecida utilidade.

Ermida de S. Braz em Evora

Indo da estação do caminho de ferro para o vasto rocio que se estende ao sul, a meio caminho, e á direita, sobre uma pequena elevação outr'ora chamada *Outeiro da Corredoura*, ergue-se uma construcção singular e a primeira que se nos depara quando entramos em Evora.

E' a ermida de S. Braz.

Está completamente isolada de qualquer edificio e comquanto situada n'uma planicie, d'ella se descobre um vasto horisonte.

A historia da construcção d'este pequeno templo, é descripta por Pinho Leal, da fórma seguinte:

«Por occasião de uma grande peste que assolou o reino em 1842, fizeram os habitantes de Evora a promessa a S. Braz, bispo e martyr, de lhe edificar

uma capella, se a peste cessasse; mas não esperaram pela terminação do flagello, pois logo nesse mesmo anno deram principio á capella, construindo junto a ella um hospital provisório, de madeira, onde se recolhiam muitos dos atacados de peste, que ali eram tratados com muito disvello e caridade.

Consta do compromisso da irmandade de S. Braz, que, apenas se principiou esta capella, cessou a peste.

Concluida a capella, se celebrou n'ella uma sumptuosa festa, em acção de graças, e d'ahi em diante todos os annos, em dia de S. Braz, se fazia uma grande funcção, a que assistia a camara, o cabido e muito povo da cidade e visinhanças.

Hoje ainda se faz esta festa e a ella assiste o cabido, mas já não é com a antiga pompa.

A imagem de S. Braz que aqui houve era um perfeito retrato de D. João II. Foi substituida por outra não se sabe quando».

Aqui termina aquelle illustre investigador as suas considerações acerca d'este interessante templo.

Esta ermida, ogival, cuja forma acastellada lhe imprime uma feição altiva e guerreira, está comprehendida pela data da sua construcção (1482) no periodo terciario d'aquelle estylo.

Foi por consequencia começada e concluida no reinado de D. João II, tão fertil em monumentos patrios.

E' de uma só nave e as peças que compõem o templo propriamente dito são: o atrio, a nave e a capella mór.

Tem sachristia, e annexada, do lado opposto uma construcção identica.

O atrio, de projecção horisontal quadrada e que serve de alpendre de entrada para a nave, é rasgado nas tres paredes exteriores, por arcos accentuadamente ogivaes. Na parede interior que fecha o atrio, abrem-se, a porta d'entrada e as duas janellas que a ladeiam, do seculo XVIII.

Os quatro angulos exteriores d'este atrio são fortalecidos por igual numero de gigantes, com seus coruchéos e ameias.

Transpondo a porta de entrada para a nave, vê-se que esta é de dimensões reduzidas, forrada de azulejo verde esmeraldo e branco, a meia altura, e estucada a parede restante.

Todavia interiormente foi toda forrada d'estes azulejos em 1575.

Na parede que separa a nave da capella mór, de cada lado e voltados para a porta d'entrada, estão dois altares em talha dourada que devem datar do seculo XVIII.

A capella mór, em fórma de *abside*, tem ao centro o altar tambem de talha dourada e da mesma epocha dos outros dois do corpo da igreja.

Superiormente, a superficie espherica da abside, abre-se um lanternim que no exterior se accusa por um cylindro assente sobre uma superficie semi-espherica coberta de telha.

Finalmente na capella-mór e do lado do evangelho entra-se para a sacristia que é em abobada de *nervuras* de fôrma ogival que vão juntar-se no seu *fecho*.

Sobre esta ermida, diz o sr. Gabriel Pereira, na «Arte e a Natureza em Portugal»:

Os grandes gigantes que fortalecem as paredes são posteriores á primeira construcção, porque em parte cobrem ou tapam frestas ogivaeas ainda faceis de reconhecer. Mas tal modificação deve datar do seculo XVI, porque aquelles coruchéos e ameias encontram-se em Evora n'esse tempo, por exemplo, na Ermida de Garcia de Rezende, construida em 1520, na cerca do Espinheiro, provavelmente por elle mesmo desenhada.

No interior houve tambem modificação, antiga, porque tapadas as pequenas frestas, correram as paredes e azulejaram-nas a branco e verde, em xadrez, com seus caprichos engenhosos.

Cahindo ha annos, em 1885 ou 1886, fragmentos de reboco com os azulejos, viu-se que esse assentava em parede lisa, apenas mal ponteada, e com vestigios de pintura, folhagens, flores de largo desenho, ainda com as côres frescas.

Em 1889 por occasião da visita official de el-rei D. Luiz 1.^o, a vereação julgou pouco decente que logo á entrada da cidade el-rei visse aquelle edificio tão negro, de aspecto torvo, como uma mesnada de guerreiros perfilados com os seus elmos erectos. E mandou cair; alguem fallou, e então mandaram cair outra vez deitando na cal pós de sapatos, e S. Braz appareceu pardo a S. M., que não gostou do caso.

Agora está quasi no tom antigo.

Mas os esgrafitos finos, á maneira de renda, que frisavam o alpendre sob as ameias, acompanhando escudos de Portugal, tudo levantado na rija cal ebo-rensê, sumiram-se quasi totalmente.

O sr. Gabriel Pereira, em seguida, lamenta este estado de cousas a que se refere no ultimo periodo acima e accrescenta-o de varias considerações.

Como sua excellencia, lamentam os architectos portuguezes que até hoje ainda se não reconhecesse, apesar de varias tentativas d'estes n'este sentido, a necessidade de regulamentar, entre outros, os serviços d'obras publicas, referentes a monumentos nacionaes, de fôrma a evitar estes vandalismos, confiando á guarda, conservação e criterio artistico dos architectos, os padrões que attestam a nossa civilização.

Terminando, sobre a ermida de S. Braz, as notas que consegui da rapida visita a este edificio, direi ainda que o antigo *Outeiro da Corredoura*, sobre que se levanta este templo, foi modernamente construido em fôrma de envasamento geral, sobre o qual se estão assentando pedestaes de cantaria, que parecem fazer parte das obras de vedação que estão em adiantamento.

Estas obras que foram feitas a expensas da sr.^a D. Ignacia Fernandes Ra-

malho Barahona, terminaram em 1906, e são consideradas como restauração d'este monumento, classificado entre os monumentos nacionaes, que ultimamente foi entregue ao municipio de Evora.

28-V-906.

AD. MARQUES DA SILVA.

Evora — N. S. do Espinheiro (1)

Não tendo sido possível na nossa ultima excursão a Evora visitarmos o convento de N. S. do Espinheiro, recorreremos á sua historia, para d'elle dar aos nossos collegas uma breve noticia.

*

Foi seu fundador D. Vasco Perdigão, Bispo de Evora.

A sua construcção durou longos annos, porque tendo começado em 1452 sómente se concluiu em 1558, o que não obstou a que o primitivo edificio em breve trecho se damnificasse a ponto de em 1566 ter sido completamente reconstruido pelos monges de S. Jeronymo.

Toda a edificação de ha 340 annos está agora igualmente em ruinas, e não obstante ser propriedade particular, a igreja encontra-se novamente abandonada.

E' notavel, todavia, a capella do Senhor Morto, e ainda ali se conservam mausoleus de pessoas illustres, entre as quaes *Garcia de Rezende*, que tendo nascido em 1474, falleceu em 1554.

Foi elle tão conscencioso escriptor na sua «Chronica de D. João II», quão primoroso artista no seu precioso «Cancioneiro».

Se n'aquella se evidenciou como habil historiador, n'este revelou o mais perfeito conhecimento dos costumes e de todas as canções populares da epocha.

Para nós, porém, a mais distincta caracteristica de Garcia Rezende foi a sua bella orientação artistica na sua comprovada aptidão de constructor.

E' facto notavel da nossa historia que Sertorio, o bravo e illustrado chefe dos luzitanos, tendo decididamente adoptado a Luzitania como sua patria, se estabeleceu em Evora no anno 81 antes de Christo, onde entre outros monumentos construiu para abastecimento da cidade o conhecido aqueducto.

Parece que talvez aos estudos e cuidados do illustre portuguez Garcia de Rezende se deve a reconstrucção do aqueducto sertoriano.

No que, porem, a maioria dos historiadores está de accordo é que foi este architecto o auctor do projecto da Torre de Belem, essa graciosa sentinella avançada, com que D. Manuel dotou a antiga capital do reino.

De resto, que seja esta pelo menos a nota dominante da nossa referencia ao convento de N. S. do Espinheiro.

28-V-906.

J. LINO DE CARVALHO.

(1) Pinho Leal — Portugal antigo e moderno.

SÉ DE EVORA

A excursão levada a effeito pela Sociedade dos Architectos Portuguezes á historica cidade de Evora e o difficil encargo de ter que me occupar do bello monumento romanico d'aquella cidade, a Sé, para na occasião da visita ao grandioso templo, acompanhar com algumas notas historicas o rapido estudo que os excursionistas iam fazer; me impoz o dever de colligir alguns apontamentos, apontamentos que mais contribuíram para o interesse de tornar util o desprezioso trabalho de que fôra incumbido pelo conselho director da associação a que me honro de pertencer.

O trabalho que tentei levar a effeito outro valor não tem mais do que um simples aproveitamento sobre o que muito ha já escripto; trabalhos, que bem revelam o interesse e o estudo pela Sé Eborense, tão grandiosa em tradições historicas, como bella em motivos architectonicos.

Para attingir esse fim subsidiei estes apontamentos com os nomes valiosos dos escriptores que consultei os srs. Gabriel Pereira, Francisco Barata, Camara Manoel, Borges de Figueiredo, etc., a quem deixo consagrada toda a utilidade ou valor que estas notas possam revelar na sua modesta simplicidade.

Muito mais, que era meu intuito reunir grandioso numero de croquis e detalhes, e então, após um estudo tecnico, monographar a Sé de Evora, mais pelo seu aspecto architectonico do que mesmo historico; mas os meus affazeres profissionaes até hoje ainda me não deixaram o tempo conveniente para durante alguns dias, na heroica cidade de Geraldês sem Pavor, poder estudar toda aquella concepção artistica, tão cheia de variantes e estylos diversos que bem se pôde julgar um muzeu architectonico, a que não faltam bons elementos de observação para os estudiosos.

Não é facil empresa a realização d'este desejo porque as diversas epochas de que a arte deixou assignalados vestigios na Sé Eborense, não são poucas, e portanto importa um estudo architectonico não d'um estylo mas sim de varios estylos; o que torna interessantissimo aquelle edificio pois que se presta a dados comparativos da evolução da arte no mesmo monumento.

*

* *

Não é a actual egreja a que se ergue n'um dos pontos mais elevados da cidade, recortando no hirozonte a sua bella *silhoeta*, a primitiva Sé Eborense.

Assim o confirmam alguns documentos historicos que nos dizem ter no seculo IV, em 303, o bispo de Evora Quinciano tomado parte no concilio de Granada.

Como facto lendario pretendem ligar a fundação da primitiva Sé com a vida e martyrio de S. Manços, facto incomprovavel pela falta de documentos.

Successivamente em outros concilios figuram bispos da Sé de Evora e são elles: Juliano, em 566; Zozimo I, em 597; Siciclo, em 633; Abiencio, em 646; Zozimo II, em 656; Pedro, em 665; Tructemundo, em 681-688; e Abiencio II, em 663.

Decorridos sete annos após esta ultima data os mouros estabelecem-se no paiz e a historia não nos fornece elementos sobre a continuidade dos bispos eborenses, nem outros elementos de garantia sobre a Sé de Evora.

Em 1166 D. Henrique, auxiliado pelo grande caudilho Giraldo sem Pavor, conquista aos mouros a cidade de tão longas tradições historicas e a religião christã resurge, apparecendo novamente a historia dos bispos de Evora com D. Paio, historia que a contar d'essa epocha tem sido feita sem interrupções.

E' n'esta epocha que foi fundada a actual Sé de Evora presumindo-se que antes da conquista aos mouros a Sé tivesse sido edificada no local onde está actualmente a bibliotheca publica, edificio que pela invasão de Tarik e de Musa teria, talvez, servido de mesquita.

A unica razão que nos leva a acceitar esta hypothese é a localisação da que teria sido primitiva Sé, justificando-se pela excessiva approximação o substituir um templo por outro, como que um desforço de religião para religião.

Pretendem alguns historiadores que a actual Sé de Evora deva a sua fundação ao bispo D. Paio e que segundo uma inscripção, a primeira pedra fora lançada a 21 de maio de 1224.

Porem outros historiadores firmando as suas asserções n'uma lapide encontrada na antiga capella mór e actualmente no museu d'aquella cidade, e a uma inscripção que se vê na capella do S. S., que foi o bispo, D. Durando Paes o fundador da Sé de Evora, fundação que teve logar em 1260 e tantos.

Deixamos aos investigadores o apurarem a quem devemos hoje a fundação do bello templo, se a D. Paio se a D. Paes, na certeza porém de que a Sé é um bello typo do estylo romanico-ogival e construido no seculo 13.º.

Temos visto classificarem a Sé de estylo gothico-normando — de romanico e de romanico-bizantino. Nós optamos pela ultima fórma de o definir posto que haja na traça geral do edificio linhas que por vezes nos podem deixar em duvida.

Mas se compararmos com outros monumentos da epocha e outros mais antigos facil é achar a influencia d'uma epocha em que o romanico já procurava formas mais graciosas, em que outros elementos d'arte se antecipavam na conquista de linhas mais delicadas.

Chama naturalmente a attenção o aspecto acastellado, aspecto que nós encontramos n'outros edificios similares e que são evidentemente uma consequencia do estado politico da epocha, como tem sido sempre.

A arte architectonica tem no seu extraordinario valor o ser uma historia

escripta em caracteres que todos leem d'uma fôrma geral por intuição, um livro de folhas indestruiveis e principalmente revelar a politica, o temperamento, os costumes dos povos seus contemporaneos.

São estas observações que fortifica em nós o aspecto especial da Sé eborense com as suas ameias delicadas e que bem merecem o confronto com as da Sé de Coimbra que marca uma epocha historica mais remota.

Nas suas linhas exteriores tem a Sé de Evora ainda bellos fragmentos da da sua primitiva unidade architectonica que só por si são bellos motivos de estudo como o dome que serve de cobertura ao transepto.

O portico principalmente não é menos importante e as suas torres nas quaes se encontram vestigios da architectura primitiva ha enxertias do arabe e motivos essencialmente romanicos do segundo periodo.

Interiormente tem o magestoso templo grandeza constructiva, uma bem accentuada traça architectonica que muito contribue para lhe definir o estylo e motivos bem lançados e completos como o triforio. Os feixes de columnellos são graciosos e revellam magestade no seu lançamento, sendo alguns dos seus capiteis bem dignos de observação.

Não menos bellos são alguns dos rosaceos e outros motivos que só um estudo como deseja fazer, podia determinar-lhe o valor.

Referindo-nos ao que teria sido a primitiva architectura da Sé e da qual parece ter sido mestre, Martins Domingos, suppõe-se que o busto que se vê n'uma das naves do lado da epistola, seja o do notavel artista.

Ha quem pretende ser este Martins Domingos irmão do mestre das obras do claustro do mosteiro de Alcobaça, Domingo Domingos.

O templo tem tres naves e mede 43^m,0 no eixo maior por 20^m,0 de largo.

A capella mór que um terramoto tinha destruido foi mandada reedificar por D. João V sendo architecto d'essas obras João Leduvice auctor do mosteiro de Mafra.

Foram mestres das obras Manuel Gomes e Manuel Cruz, custando essas obras 120 contos.

As obras foram iniciadas em 1718 e concluidas em 1746.

O architecto a quem D. João V confiara a reconstrucção suggestionado pelo seu trabalho no mosteiro de Mafra transplantou para ali o mesmo estylo architectonico que enriqueceu com uma collecção de marmores nacionaes.

• A capella é magestosa, rica de ornamentação architectonica, de linhas grandiosas, mas um verdadeiro enxerto na architectura romanica, tão contemplativa com as suas combinadas abobadas e graciosos arcos e columnellos.

Tem na capella mór uma boa esculptura em cedro, um crucificado, obra de Manuel Dias, *o pae dos christos*; e o retabulo é pintura de Julio Fernani e as estatuas são do esculptor João Antonio Padua.

Um fragmento de architectura da nossa bella renascença, é a capella chamada

do Exporão por ter sido mandada construir por João de Menezes Vasconcellos, morgado do exporão. A construcção foi feita no seculo XV e como sempre, o interessante estylo manuelino, rendilhado, leve e gracioso, parece na severidade do templo, uma fina renda alli collocada.

O retabulo d'esta capella é attribuido ao pintor Francisco Nunes.

E' o coro da Sé de Evora um magnifico conjuncto de esculptura em madeira, representando scenas do christianismo e do paganismo. Toda a sua ornamentação é bem trabalhada e de desenho correcto, tendo sido executado em 1562.

Muitas outras cousas havia que recordar mas não são ellas de molde a n'uma simples compilação como esta, a serem tratadas levianamente.

Deixando o templo vamos ao claustro, construido no seculo XIV pelo bispo D. Pedro; isto é, um seculo depois da construcção da Sé, com o fim das precisões ali terem logar. E' o claustro um magnifico specimen da architectura ogival, correcto de linhas, e boas proporções; sem grande riqueza de ornamentação tem uma tal severidade que bem digno o torna da observação artistica.

Ha no claustro duas capellas; uma do fundador e outra do bispo Juliano.

Citarei ainda o baptisterio construido de 1484 a 1522 encimado pelo brazão do bispo D. Affonso de Portugal.

De lapides e inscripções é bem rica a Sé de Evora e muitas se ligam com os factos politicos da nossa historia patria. Ali se encontram paginas gloriosas dos portuguezes, como as que se referem á batalha do Salado. Esta lapida, junto da columna do arco da capella do S. S. e não menos digna de menção, é uma outra que se refere ao massacre de quarenta e tantos prelados em 1808, mortos pelos francezes.

E' como diziamos a Sé de Evora um dos mais interessantes monumentos do paiz e o visitante estudioso tem ali muito que estudar, vêr e aprender.

O primeiro dia da nossa excursão foi a maior parte do tempo absorvido na visita á Sé da qual para bello complemento do muito que interessa ainda nos falta dar uma nota das suas riquezas e preciosidades.

A *cruz de ouro*, mandada fazer pelo bispo D. Frei Luiz da Silva em 1464 a 1467 é como trabalho de ourivesaria uma maravilha tendo na sua ornamentação 1496 pedras preciosas assim distribuidas:

840 diamantes, 402 rubis, 180 esmeraldas, 2 saphiras, 1 jacintho oriental e 1 camapheu pedra offerecida pelo conego Miguel Ramiro Lima.

O santo lenho foi dadiva do bispo D. Luiz Pires.

O seu valor na epocha em que foi executado era calculado em 20:000.000 réis.

A *Custodia e calice de prata dourada* é uma outra preciosidade de esculptura, com figurinhas admiravelmente tratadas e que só se pódem apreciar com o auxilio de lentes.

Foi mandada fazer pelo bispo D. Affonso de Portugal 1485 a 1522.

O *calice de ouro* de um trabalho em nada é inferior á custódia de prata foi offerecido á Sé pelo conego Paulo Affonso, em 1587.

O *baculo de prata* mandado fazer pelo cardeal infante D. Henrique e *porta da paz de prata doúrada* obra do seculo XVIII são outras tantas preciosidades.

Em paramentos tem a Sé uma riquissima collecção de finissimos bordados e um palio que a tradição diz ter sido pintado com tintas extrahidas de flores do campo pelo frade Jeronimo Espinheiro.

Para fechar o interesse que tem uma visita á Sé de Evora ainda a vista que o observador disfructa dos terraços da Sé, é magnifica, podendo n'uma grande extensão de leguas de matisadas planicies vêr alvejar as bellas povoações alem-tejanas que tem na historica cidade de Evora a sua capital de districto e de provincia.

28—V—906

COSTA CAMPOS.

SOCIEDADE DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE

REGULAMENTO DOS HONORARIOS DOS ARCHITECTOS

APPROVADO PELA ASSEMBLÉA GERAL

EM SESSÃO DE 28 DE JULHO DE 1904 E PUBLICADO NO «DIARIO DO GOVERNO», N.º 28,
DE 4 DE FEVEREIRO DE 1905

1.º — Os serviços profissionais dos architectos a que se refere a tabella que faz parte do presente regulamento, consistem em proceder aos estudos preliminares necessarios, elaborar projectos, orçamentos, memorias descriptivas, cadernos d'encargos e detalhes de execução, e em dirigir e fiscalisar os respectivos trabalhos.

2.º — Os honorarios dos architectos serão calculados segundo a despesa total prevista nos orçamentos, ou pelo custo total das obras quando estas se executem por completo.

3.º — Esses honorarios serão regulados pela seguinte fórmula, para trabalhos a fazer na localidade onde reside o architecto ou á distancia maxima de tres kilometros d'essa localidade :

Até á primeira fracção de 1:000\$000 réis a taxa applicavel é de 7 %.

Esta taxa irá diminuindo de 0,03 por cada nova fracção de igual importancia, até á concorrencia de 100.000\$000 réis, cobrando-se sobre as verbas que excederem esta quantia, a taxa de 4 %, o que dá logar á tabella seguinte :

| | |
|------------------------------|---------------------------------|
| Até 1:000\$000 — 7 por cento | 20:000\$000 — 6,43 por cento |
| 2:000\$000 — 6,97 " " | 30:000\$000 — 6,13 " " |
| 3:000\$000 — 6,94 " " | 40:000\$000 — 5,83 " " |
| 4:000\$000 — 6,91 " " | 50:000\$000 — 5,53 " " |
| 5:000\$000 — 6,88 " " | 60:000\$000 — 5,23 " " |
| 6:000\$000 — 6,85 " " | 70:000\$000 — 4,93 " " |
| 7:000\$000 — 6,82 " " | 80:000\$000 — 4,63 " " |
| 8:000\$000 — 6,79 " " | 90:000\$000 — 4,33 " " |
| 9:000\$000 — 6,76 " " | 100:000\$000 — 4,03 " " |
| 10:000\$000 — 6,73 " " | mais de 100:000\$000 — 4,00 " " |

§ unico. — Quando se trate de trabalhos fóra da área acima referida, os honorarios augmentarão 1 % na totalidade, accrescendo mais o abono de despesas de transportes.

4.º — Quando, todavia, se reconheça que o estudo de um projecto ou a sua execução são de natureza a apresentar difficuldades excepcionaes, sob o ponto de vista technico ou artistico, poderá o valor dos honorarios ser elevado proporcionalmente. Quando, ao contrario, se trate de trabalhos por sua natureza simples, taes como grandes extensões de muros de vedação, vastas superficies de pavimentos, reparações em edificios existentes, etc., o valor dos honorarios poderá tambem ser reduzido.

§ unico. — Em tal caso, este augmento ou redução dos honorarios, deverá fazer parte de contracto especial e prévio entre o architecto e o proprietario.

5.º — A distribuição da percentagem dos honorarios será feita da seguinte fórma :

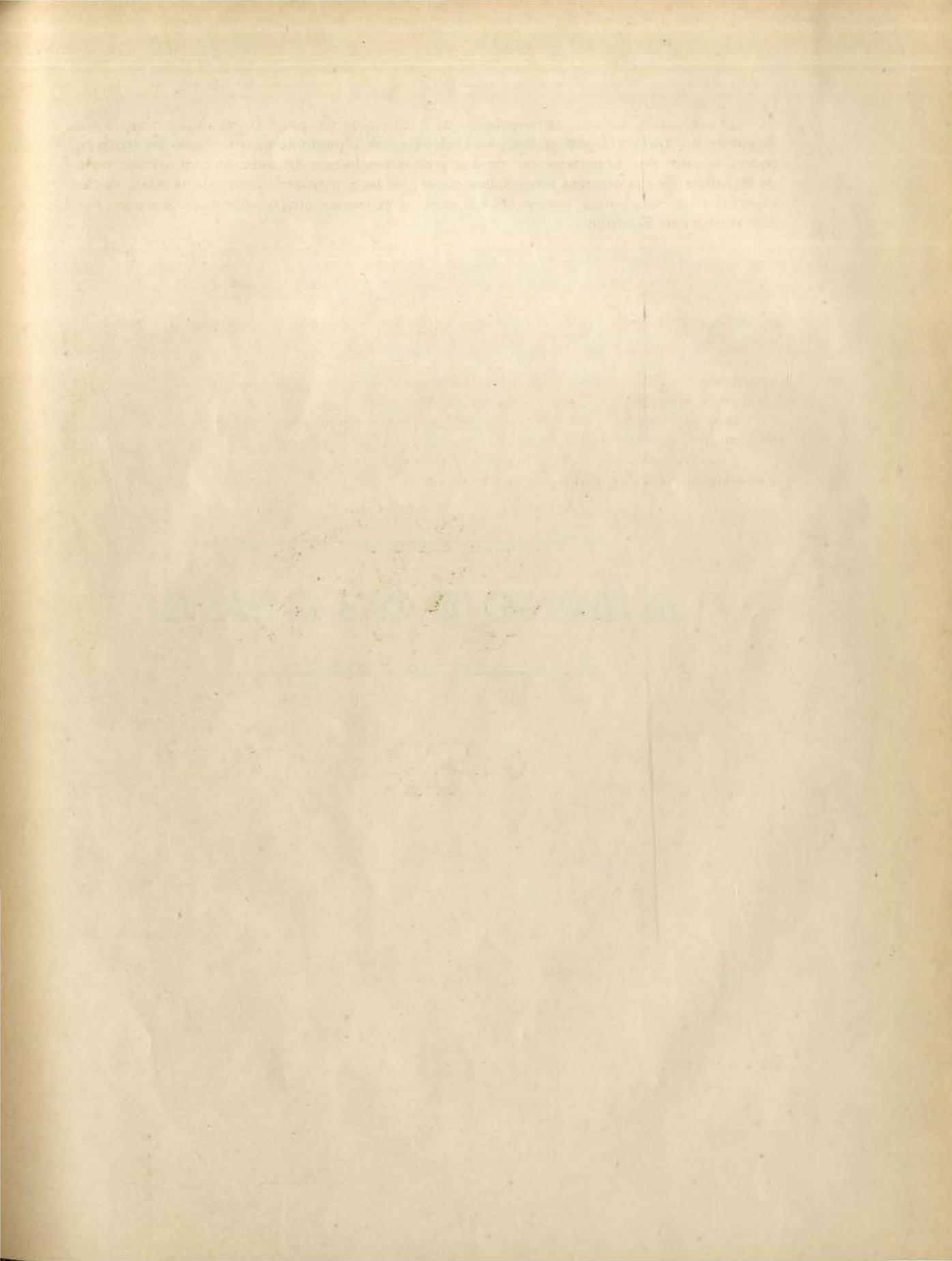
Uma terça parte, para a elaboração do ante-projecto na escala de 0",01 por metro e resumo do orçamento approximativo, — comprehendendo um exemplar de cada peça desenhada e escripta.

Uma terça parte, para o projecto completo de alçados, plantas, córtes e detalhes essenciaes, orçamento completo, memoria descriptiva dos trabalhos e cadernos d'encargos, — comprehendendo tres exemplares de cada uma das peças desenhadas e escriptas.

Uma terça parte, para a direcção, fiscalisação e verificação dos trabalhos e fornecimento de quaesquer outros detalhes necessarios para o seu regular andamento.

6.º — Os honorarios dos architectos relativos a assumptos da sua profissão não previstos n'esta tabella, serão regulados por ajuste especial.





BIBLIOTHECA

SOCIEDADE DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

(ASSOCIAÇÃO DE CLASSE)

NOTA DAS PUBLICAÇÕES EXISTENTES EM 30 DE JUNHO DE 1906

| Títulos das obras | Nomes dos auctores | Nomes dos offerentes | VOLUMES | Observações |
|---|--|---|---------|------------------------------|
| Abastecimento de carnes (O)..... | José Martinho da Silva Guimarães..... | Camara Municipal de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real de Bellas Artes de Lisboa (organisação primitiva e organisação actual)..... | Antonio José Dias da Silva..... | Academia Real de Bellas Artes de Lisboa..... | 1 | |
| Acção ordinaria contra Miguel de Novaes..... | Serre..... | O auctor..... | 1 | |
| Accidents du travail..... | Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Actas (Boletim da 2.ª classe)..... | Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 3 | |
| Actas das sessões..... | Francisco Travassos Valdez..... | Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Africa Occidental..... | Machado e Souza..... | Os auctores..... | 4 | |
| Agenda dos constructores civis e proprietarios..... | Eduardo Burnay..... | Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Agostinho Vicente Lourenço (Elogio historico do Dr.)..... | Boletim do Conselho Ultramarino..... | Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Agricultura palmarica..... | H. Thiel..... | Architecto José Alexandre Soares..... | 1 | |
| Agriculture allemande á l'exposition universelle de Paris 1900 (L')..... | Augusto Pinto Miranda Montenegro..... | O auctor..... | 1 | |
| Aguas de Lisboa (As)..... | Augusto Pinto Miranda Montenegro..... | O auctor..... | 1 | |
| Aguas de Lisboa (Memorias sobre as)..... | Ministerio das Obras Publicas, Com.º e Ind.º..... | Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Aguas potaveis (Regulamento para a fiscalisação das)..... | Manoel Pinheiro Chagas..... | Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo (Elogio historico do socio de merito)..... | Alberto Bessa..... | Sociedade litteraria Almeida Garrett..... | 1 | |
| Almeida Garrett..... | P. J. Pezerat..... | Architecto Francisco Carlos Parente..... | 1 | |
| Améliorations et embellissements de Lisbonne (Mémoire sur les études d')..... | A. C. Teixeira de Aragão..... | Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| America (Breve noticia sobre o descobrimento da)..... | Theophilo Braga..... | Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| America (Centenario da descoberta da)..... | American Institute of Architects..... | American Institute of Architects..... | 2 | |
| American Institute of Architects (Proceedings of the thirty-seventh annual convention)..... | Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 20 | |
| Annaes de Sciencias e lettras..... | Gremio Artistico..... | Sociedade Nacional de Bellas Artes..... | 4 | Em publicação. |
| Annuario..... | Sociedade dos Architectos Portuguezes..... | Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Annuario estatistico dos dominios ultramarinos portuguezes..... | Ministerio da Marinha e Ultramar..... | M. J. L. R..... | 1 | |
| Antiquités des environs de Naples..... | M. J. L. R..... | Thomaz Ribeiro..... | 1 | |
| Antonio Feliciano de Castilho (Elogio historico de)..... | Thomaz Ribeiro..... | Viconde de Figanière..... | 1 | |
| Aguas aquarum dos diplomas antigos (Memoria sobre o valor da expressão)..... | Viconde de Figanière..... | José Carlos Conrado de Chelmicki..... | 1 | |
| Aqueducto geral de Lisboa (Memoria sobre o)..... | José Carlos Conrado de Chelmicki..... | Société des Architectes dipl. par le gouvernement..... | 1 | Em publicação — Troca. |
| Architecte (L')..... | Société des Architectes dipl. par le gouvernement..... | Société des architectes diplômés par le gouvernement..... | 1 | |
| Architectura civil (Noções theoreticas de)..... | J. B. de Vinhola..... | Architecto Francisco Carlos Parente..... | 1 | |
| Architectura civil (Problema de)..... | Mathias Ayres Ramos da Silva de Eça..... | Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 1 | |
| Architecture..... | Vignol..... | Architecto José Alexandre Soares..... | 1 | Em publicação — Assignatura. |
| Architecture (L')..... | Société centrale des architectes français..... | Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 2 | |
| Architecture pratique (Nouvelle)..... | A. Miché..... | Architecto Miguel Ventura Terra..... | 3 | |
| Architecture romane du midi de la France..... | Henry Revoil..... | Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Arrematação e adjudicação de obras publicas (Instruções para a)..... | Ministerio das Obras Publicas, Com.º e Ind.º..... | Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 1 | Em publicação — Assignatura. |
| Art du trait de charpenterie (L')..... | Nicolas Fourneau..... | Architecto José Alexandre Soares..... | 1 | |
| Arte..... | Marques d'Abreu, editor..... | O auctor..... | 1 | |
| Artiste en batiments (L')..... | Louis Berthaux..... | | | |
| Associação (A)..... | Costa Goodolphim..... | | | |

| Titulos das obras | Nomes dos auctores |
|--|--|
| Associação dos Architectos Civis e archeologos portuguezes (Estatutos da Real) | Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. |
| Association des Ingénieurs civils portugais 1869-1900 (Photographias) | Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes |
| Bairros operarios e o saneamento urbano. | Augusto Pinto de Miranda Montenegro. |
| Balistica (Elementos de) | Francisco da Fonseca Benevides. |
| Barra do Douro e Leixões (Relatorios) | Affonso J. Nogueira Soares. |
| Barra e porto da Figueira (Obras publicas para o melhoramento da) | Francisco Maria Pereira da Silva. |
| Benguella ás terras de Iacca (De) | H. Capello e R. Ivens. |
| Bois et pierres de construction. | Real Assoc. dos Archit. ^{os} e Archeol. ^{os} Portug. |
| Boletim. | Associação dos Conductores de Obras Publicas |
| Boletim. | Sociedade Litteraria «Almeida Garrett». |
| Boletim. | Ministerio do Reino. |
| Boletim da Direcção Geral de Instrucção Publica | Ministerio do Reino. |
| Boletim dos Serviços Sanitarios do Reino. | vi Congresso Internacional de architectos |
| Boletim oficial — Conclusiones de los trabajos. | Commonwealth of Massachusetts U. S. A. |
| Boston (Main drainage works) | Martin Sarmiento (padre) |
| Braga e Astorga (estradas militares romanas) | American Institute of Architects |
| Bulletin | Société des architectes diplômés par le governt. |
| Bulletin. | Cardozo Gonçalves. |
| Bussaco (No) | Costa Goodolphim |
| Caixas economicas escolares (As) | Costa Goodolphim |
| Caixas economicas escolares (As) | José Silvestre Ribeiro |
| Calderon de la Barca (Don Pedro) | Secretaria da Camara Municipal de Lisboa |
| Camara Municipal de Lisboa (Actas das sessões) | J. Mousinho de Albuquerque. |
| Campanha contra o Maguiguana (relatorio) | J. Mousinho de Albuquerque. |
| Campanha contra os Namarraes (A) relatorio. | Prospero Peragallo. |
| Carta de El Rei D. Manuel ao Rei Catholico | Sociedade Nacional de Bellas Artes. |
| Catalogo de exposição | |
| Chateau Mesméri (Photographia) | |
| Christovam Colombo na ilha da Madeira (Memoria sobre a residencia de) | Agostinho de Ornellas. |
| Clima do Funchal (Noticia sobre o) | F. A. Barral (dr.) |
| Climas e as producções das terras de Malange á Lunda (As) | Agostinho Sisenando Marques. |
| Expedição portugueza ao Muatiãnvua. | |
| Cloitre des Augustins (Photographia) | Visconde de Seabra. |
| Colombiada (A) | Serpa Pinto. |
| Como eu atravessei Africa | Evaristo Gomes, Alvaro Machado e Francisco Carlos Parente. |
| Concurso para a egréja — monumento á Immaculada Conceição (17 Photographias) | José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco. |
| Condes de Castella (Noticia chronologica dos) | Visconde de Paiva Manso. |
| Congo (Historia do) | Comité executif. |
| Congrés international des Architectes (vi). Comptes rendus | |
| Congrés international d'assainissement et de salubrité de l'habitation (Premier) | Lima Felner e Bulhão Pato. |
| Conquistas dos portuguezes em Africa, Asia e America. | Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria. |
| Conservação, arborisação e policia das estradas (Regulamento da) | Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria. |
| Construcção de caminhos de ferro (Regulamento para a fiscalisação da) | Ministerio das Obras Publicas, Com. ^o e Ind. ^o |
| Construcção e exploração de caminhos de ferro. | |

| Nomes dos offerentes | VOLUMES | Observações |
|---|---------|------------------------|
| Architecto Francisco Carlos Parente | 1 | |
| Architecto José Alexandre Soares. | 1 | |
| O auctor. | 1 | |
| O auctor. | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria. | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria. | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar. | 2 | |
| Architecto José Alexandre Soares. | 1 | Em publicação — Troca. |
| | — | Em publicação — Troca. |
| Sociedade Litteraria Almeida Garrett. | 2 | |
| Ministerio do Reino. | 6 | |
| Dr. Ricardo Jorge. | 2 | |
| Architecto Francisco Carlos Parente. | 2 | |
| José Alexandre Soares. | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa. | 1 | |
| | — | Em publicação — Troca. |
| | — | Em publicação — Troca. |
| Academia dos Estudos Livres | 1 | |
| O auctor. | 1 | |
| O auctor. | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa. | 1 | |
| Camara Municipal de Lisboa | 5 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar. | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar. | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa. | 1 | |
| Sociedade Nacional de Bellas Artes. | 13 | |
| Architecto José Alexandre Soares. | — | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa. | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa. | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar. | 1 | |
| Architecto José Alexandre Soares. | — | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa. | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar. | 2 | |
| Os auctores. | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa. | 1 | |
| Comité executif du vi Congrès International des Architectes | 1 | |
| Comité d'organisation. | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa. | 17 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria. | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria. | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria. | 1 | |

| Titulos das obras | Nomes dos auctores |
|--|---|
| Construcção Moderna (A)..... | Redacção..... |
| Contractos..... | Camara Municipal de Lisboa..... |
| Coronel Chabert (O)..... | Honoré de Balzac..... |
| Corpo diplomatico portuguez..... | Luiz Augusto Rebello da Silva, José da Silva Mendes Leal e J. C. Freitas Moniz..... |
| Côrtes de Lisboa — 1697 e 1698..... | Costa Goodolphim..... |
| Credito (O)..... | Costa Goodolphim..... |
| Credito Agricola (O)..... | Manoel S. Pichardo..... |
| Cuba á la Republica..... | Julio A. Henriques..... |
| Culturas coloniaes (Instrucções praticas para)..... | Antonio Caetano do Amaral..... |
| Decadencia dos portuguezes na Asia..... | Ministerio das Obras Publicas, Com.º e Indust.º |
| Decretos, portarias e circulares..... | A. A. Baldaque da Silva..... |
| Descobrimto do Brazil (O)..... | João de Andrade Córvo e Manoel Pinheiro Chagas..... |
| Descobrimtos portuguezes (Historia dos)..... | A. C. Teixeira de Aragão..... |
| Diabruras, santidades e prophecias..... | Sousa Viterbo..... |
| Diccionario dos Architectos, engenheiros e constructores portuguezes (1.º e 2.º volume)..... | Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... |
| Disposições regulamentares decretadas de 20 de Agosto a 20 de Outubro de 1898..... | João da Cunha Neves e Carvalho Portugal..... |
| Dominação romana em Hespanha e n'uma parte do territorio que hoje é Portugal (Memoria sobre os ultimos tempos da)..... | Theophilo Braga..... |
| Doze de Inglaterra (Os)..... | José Ramos Coelho..... |
| D. Duarte (Historia do Infante)..... | João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco e Torres e Visconde de Sanches de Baena..... |
| Duques portuguezes (Memorias historico-genealogicas dos)..... | Filippe Nery Faria e Silva..... |
| Egreja da Conceição-Velha (A)..... | Antonio Cesar Mena Junior..... |
| Egreja de S. Roque (Memoria das obras executadas na)..... | Antonio Candido Ribeiro da Costa..... |
| El-Rei o Senhor D. Luiz 1.º (Elogio historico de Sua Magestade)..... | Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... |
| Empreitadas de obras publicas (Clausulas e condições geraes de)..... | José Maria da Ponte e Horta..... |
| Ensino official (Estado e critica do nosso)..... | Francisco da Fonseca Benevides..... |
| Escolas industriaes (Relatorio)..... | J. C. Robinson..... |
| Escola portugueza de pintura (A antiga)..... | Commissão de 4 d'Agosto de 1880..... |
| Esgôtos de Lisboa..... | Ministerio da Marinha e Ultramar..... |
| Estatistica dos Caminhos de Ferro do Ultramar..... | Ministerio do Reino..... |
| Estatistica do ensino primario 1902-03 e 1903-04..... | Ministerio do Reino..... |
| Estatistica do ensino secundario 1903-1904..... | Sociedade Litteraria «Almeida Garrett»..... |
| Estatuto..... | Associação dos Architectos Portuguezes..... |
| Estatutos..... | Associação dos Conductores d'Obras Publicas..... |
| Estatutos..... | Sociedade dos Architectos Portuguezes..... |
| Estatutos..... | Sociedade de Bellas Artes do Porto..... |
| Estradas reaes, districtaes e de serviço no continente do reino em 30 de Junho de 1900 (Estado das)..... | Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... |
| Estudos coloniaes..... | Alfredo Augusto Caldas Xavier..... |
| Ethnographia e historia tradicional dos povos da Lunda — Expedição portugueza ao Muatiãnvua..... | Henrique Augusto Dias de Carvalho..... |
| Etude sur la responsabilité en matiére d'accidents..... | Hubert Valleroux..... |
| Evolução da arte christã..... | Emygdio de Brito Monteiro..... |
| Exploração da Africa austral 1487-1877..... | Manoel Ferreira Ribeiro..... |

| Nomes dos offerentes | VOLUMES | Observações |
|---|---------|------------------------|
| Camara Municipal de Lisboa..... | — | Em publicação — Troca. |
| Manuel de Macedo (traductor)..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 12 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Bibliotheca Nacional de Habana..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 6 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| O auctor..... | 2 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 2 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Architecto Francisco Carlos Parente..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Architecto Francisco Carlos Parente..... | 1 | |
| Camara Municipal de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Ministerio do Reino..... | 1 | |
| Ministerio do Reino..... | 1 | |
| Sociedade Litteraria «Almeida Garrett»..... | 1 | |
| Architecto Alfredo d'Ascenção Machado..... | 1 | |
| Associação dos Conductores de obras publicas..... | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Architecto José Alexandre Soares..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |

| Titulos das obras | Nomes dos auctores |
|---|---|
| Exploração de caminhos de ferro (Organização dos serviços fiscaes de)..... | Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... |
| Exposição colombina..... | Joaquim de Araujo..... |
| Exposição de Paris de 1889 (Relatorio)..... | Francisco da Fonseca Benevides..... |
| Exposição retrospectiva de arte ornamental (Catalogo illustrado)..... | Commissão executiva..... |
| Exposição de Turim de 1884 (Relatorio)..... | Francisco da Fonseca Benevides..... |
| Expropriação applicavel a Lisboa (Projecto de representação)..... | Camara Municipal de Lisboa..... |
| Expropriações (Legislação sobre)..... | Ministerio das Obras Publicas, Com.º e Indust.ª..... |
| D. Fernando II (Elogio historico)..... | Visconde de Benalcanfor..... |
| Fernão de Magalhães (Vida e viagens de)..... | Fernando de Magalhães Villas Boas..... |
| Fleches des poutres droites metalliques (Table pour calculer les)..... | Augusto Pinto de Miranda Montenegro..... |
| Flora dos Luziadas..... | Conde de Ficalho..... |
| Géometrie descriptive..... | G. Monge..... |
| Grands projecteurs..... | Schuckert & C.ª..... |
| Guerra da Zambézia em 1888 (Relatorio)..... | Augusto de Castilho..... |
| Guia do Engenheiro..... | Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque..... |
| Habitação e a saude publica (As condições da)..... | Augusto Pinto de Miranda Montenegro..... |
| Habitaciones económicas..... | Luis Maria Cabello y Lapiedra..... |
| Historia ecclesiastica ultramarina..... | Visconde de Paiva Manso..... |
| Historia de Macau..... | Bento da França..... |
| Honorarios dos architectos portuguezes (Diario do Governo n.º 28 de 4.2.005)..... | Sociedade dos Architectos Portuguezes..... |
| Hopitiaux civils de la ville de Londres (Rapport sur les)..... | M. Blondel et M. L. Ser..... |
| Hygiene nas habitações (A)..... | Augusto Pinto de Miranda Montenegro..... |
| Imprensa (Liberdade de)..... | Fernão Botto Machado..... |
| Institutions de prévoyance du Portugal (Les)..... | Costa Goodolphim..... |
| João Fernandes Vieira (Nome verdadeiro do portuguez)..... | Rodrigo José de Lima Felner..... |
| João José de Sousa Telles (Elogio de)..... | Costa Goodolphim..... |
| José Maria Latino Coelho (Elogio historico de)..... | José de Sousa Monteiro..... |
| Legislação acerca do serviço de obras publicas..... | Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... |
| Legislação e disposições regulamentares sobre caminhos de ferro (2.º volume)..... | Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... |
| Legislação novissima do Ultramar (1864-1903)..... | Ministerio da Marinha e Ultramar..... |
| Legislação de obras publicas e minas 1886-87..... | Revista de Obras Publicas e Minas..... |
| Legislação sanitaria..... | Ministerio do Reino..... |
| Lenda dos Santos Barlaão e Josafate..... | G. de Vasconcellos Abreu..... |
| Lingua de Lunda (A) Expedição portugueza a Muatiãnvua..... | Henrique Augusto Dias de Carvalho..... |
| Livraria de musica de D. João IV (A)..... | Sousa Viterbo..... |
| Lourenço Marques (O districto de)..... | Eduardo de Noronha..... |
| Lourenço Marques (Memorias sobre)..... | Visconde de Paiva Manso..... |
| Luiz de Camões (Panegyrico de)..... | José Maria Latino Coelho..... |
| Luiza Sigéa (Breves apontamentos historico-litterarios)..... | José Silvestre Ribeiro..... |
| Macau (Relatorios)..... | Julio Firmino Judice Bicker..... |
| Macedo (Obras ineditas de José Agostinho de)..... | Theophilo Braga..... |
| Machines auxiliaires..... | P. Guillaume..... |
| Mafra (Antiguidades de)..... | Sebastião Philippes Martins Estacio da Veiga..... |
| Manual do apontador..... | Frederico Augusto Pimentel..... |
| Manual do operario..... | Bibliotheca de instrucção..... |
| Manuel Pinheiro Chagas (Elogio historico de)..... | Henrique Lopes de Mendonça..... |

| Nomes dos offerentes | VOLUMES | Observações |
|---|---------|------------------------------|
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Academia Real de Bellas Artes de Lisboa..... | 2 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Camara Municipal de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 1 | |
| Architecto José Alexandre Soares..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Architecto Francisco Carlos Parente..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 27 | |
| Architecto João Lino de Carvalho..... | 1 | |
| Dr. Ricardo Jorge..... | 2 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 4 | |
| Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 4 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | Em publicação — Assignatura. |

| Titulos das obras | Nomes dos auctores |
|---|--|
| Portugal (Le) 1498-1898..... | Revue Larousse..... |
| Portugal á l'exposition (Le)..... | J. Cisneiros Ferreira..... |
| Portugal em Lourenço Marques..... | Eduardo Borges de Cast' o..... |
| Portugallice inscriptiones romanas..... | Levy Maria Jordão..... |
| Portuguezes na Africa (Conferencias acerca dos descobri- mentos e colonisações dos)..... | Marquez de Souza Holstein, Manoel Pinheiro Chagas e José Maria Ponte e Horta..... |
| Portuguezes nos seculos XVI e XVII (Trabalhos nauticos dos) | Sousa Viterbo..... |
| Possessões ultramarinas..... | Antonio Teixeira de Sousa..... |
| Possessões ultramarinas (Relatorio)..... | Antonio Eduardo Villaça..... |
| Povoações salubres..... | João Lino de Carvalho..... |
| Premio Valmor 1903 (photographia)..... | M. Ventura Terra..... |
| Previdencia (A)..... | Costa Goodolphim..... |
| Principios de desenho..... | Gerardo Lairesse..... |
| Productos silico-calcareos (Noticia acerca dos)..... | Empreza Ceramica de Lisboa..... |
| Promise of American Architecture (The)..... | Charles Moore..... |
| Propriedad artistica en las obras de arquitectura (De la)..... | D. Pablo Salvat..... |
| Propriedad Literaria y Artistica..... | Alfredo Martin Moralez..... |
| Propriedade litteraria não existia entre os romanos (A)..... | Levy Maria Jordão..... |
| Propriétaire architecte (Le) Deuxième partie..... | Urban Vitry..... |
| Pseudonymos (Subsidios para um Dicionario de)..... | Martinho Augusto da Fonseca..... |
| Publio Ovidio Nasão (Os fastos de)..... | Antonio Feliciano de Castilho..... |
| Quebec (La province de)..... | Arthur Buies..... |
| Quinquagesimo anniversario de fundação..... | Associação dos Empreg.º no Com.º e Industria |
| Rainha D. Theresia (Memorias chronologicas e historicas do Governo da)..... | D. Francisco de S. Luiz..... |
| Regimen do Tejo e outros rios (Do)..... | Bento Fortunato de Moura Coutinho de Almei- da d'Eça..... |
| Regras de desenho..... | Antonio José Moreira..... |
| Relatorio..... | Assoc.º do meal.º das v.ª e orphãos dos oper.ºs |
| Relatorio..... | Companhia de Seguros «Tagus»..... |
| Relatorio apresentado na sessão legislativa de 1898..... | Francisco Felisberto Dias Costa..... |
| Religiões da Lusitania (2.º volume)..... | J. Leite de Vasconcellos..... |
| Résistance et essais des materiaux de construction (notice sur les études de)..... | J. P. Castanheira das Neves..... |
| Responsabilité des accidents — Legislation..... | Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes |
| Revista de obras publicas e minas..... | Dufour et Milders..... |
| Saneamento da cidade de Lisboa..... | Augusto Pinto de Miranda Montenegro..... |
| Saneamento de Lisboa (O)..... | Augusto Pinto de Miranda Montenegro..... |
| Saneamento das povoações (O)..... | Antonio Rodrigues da Silva Junior..... |
| Saneamento urbano e depuração biologica..... | Fr. Dubner..... |
| Scholia Græca in Aristophanem..... | Academia Real das Sciencias de Lisboa..... |
| Sciencias mathematicas, physicas e naturaes (Jornal de)..... | Ministerio das Obras Publicas, Com.º e Indust.º |
| Segurança dos operarios (Regulamento)..... | Société centrale des Architectes français |
| Série des prix..... | Ministerio das Obras Publicas, Com.º e Indust.º |
| Serviços aquicolos (Regulamento)..... | Ministerio das Obras Publicas, Com.º e Indust.º |
| Serviços hydraulicos (Regulamento para os)..... | Ministerio do Reino..... |
| Sezonismo em Portugal..... | Antonio Xavier Pereira Coutinho..... |
| Silvicultura (Curso de)..... | Conde de Ficalho..... |
| Simple e drogas da India (Coloquios dos)..... | Jorge Le-Roy y Cassá (Dr)..... |
| Sociedades scientificas (Nuestras)..... | José Joaquim Lopes de Lima e Francisco Ma- ria Bordalo..... |
| Statistica das possessões portuguezas no Ultramar..... | Société centrale des Architectes français..... |
| Statuts-Règlement..... | |

| Nomes dos offerentes | VOLUMES | Observações |
|---|---------|------------------------|
| Architecto José Alexandre Soares..... | 1 | |
| Architecto José Alexandre Soares..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 2 | |
| O auctor..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 1 | |
| Empreza Ceramica de Lisboa..... | 1 | |
| American Institute of Architects..... | 1 | |
| Architecto Francisco Carlos Parente..... | 1 | |
| Bibliotheca Nacional de Habana..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 6 | |
| Architecto José Alexandre Soares..... | 1 | |
| Associação dos Empregados no Commercio e Industria..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 1 | |
| Associação do mealheiro das viuas e orphãos dos operarios | 1 | |
| Companhia de Seguros «Tagus»..... | 2 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Architecto José Alexandre Soares..... | 1 | |
| Architecto José Alexandre Soares..... | 1 | |
| Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 18 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Dr. Ricardo Jorge..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 2 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 2 | |
| Bibliotheca Nacional de Habana..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 5 | |
| Société centrale des Architectes français..... | 1 | |
| | | Em publicação — Troca. |

| Titulos das obras | Nomes dos auctores |
|---|---|
| Tabellas tacheometricas, e appendice.. | José C. Sant'Anna da Cunha Castel-Branco, Antonio L. Silveira e Augusto Ferreira..... |
| Tejo e navegabilidade do mesmo rio (Estudos para a protecção dos campos marginaes do) | João Fagundo da Silva..... |
| Terrenos paleozoicos de Portugal | Joaquim Filipe Nery Delgado..... |
| Testamento de Afonso de Albuquerque..... | Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda..... |
| Testamento de D. João de Castro..... | Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda..... |
| Thesouro do Rei de Ceylão (O)..... | Sousa Viterbo..... |
| Thiers (Elogio historico de) | Luiz Garrido..... |
| Thomé (Ilha de S.) | M. M. Wager Russell..... |
| Trabalhos geodesicos executados em Portugal (Memorias sobre os) | F. Folque..... |
| Tracé Générale des Courbes de Raccordement | A. Jacquet..... |
| Tragicos da Grecia (Os) | Luiz Garrido..... |
| Traité des accidents du travail | Sachet..... |
| Tres aldeias | Costa Goodolphim..... |
| Trigonometria rectilinea (Compendio de) | Carlos Augusto Moraes de Almeida..... |
| Universidade de Coimbra (Dom Francisco de Lemos e a reforma da) | Theophilo Braga..... |
| Universidade de Coimbra (Historia da) | Theophilo Braga..... |
| Universitê de Lyon... | João Braz d'Oliveira..... |
| Vasco da Gama (Os navios de) | William Shakespeare..... |
| Veneza (O mercador de) | Brigada technica de estudos..... |
| Viação (Necessidades mais urgentes da) | Camara Municipal de Lisboa..... |
| Viaducto de S. Pedro d'Alcantara (caderno de encargos) | Henrique Augusto Dias de Carvalho..... |
| Viagem a Mussumba — Expedição portugueza ao Muatiãvua | Joaquim Carlos Paiva de Andrade..... |
| Viagem ás terras do Changamira (Relatorio) | Joaquim Carlos Paiva de Andrade..... |
| Viagem ás terras dos Landins (Relatorio) | Augusto de Casilho..... |
| Viagem da canhoneira "Rio Lima", de Lisboa a Moçambique (relatorio) | Francisco José de Lacerda e Almeida (Dr.)... Paiva Couceiro..... |
| Viagem de Moçambique para os rios de Senna (Diario da) | Manoel Ferreira Ribeiro..... |
| Viagem entre Bailundo e as terras do Mucusso (relatorio) | Antonio de Campos Junior..... |
| Vias commerciaes dos portuguezes em toda a Africa central | Jules Bouchet..... |
| Victorias d'Africa. | José Barbosa Canaes de Fig. ^{do} Castello Branco |
| Villa Pia (I a) | Bento F. de Moura Coutinho de Almeida d'Eça |
| Villa de Soure (Apontamentos acerca da) | José de Oliveira Berardo..... |
| Vinhas no meio-dia da França (As) | |
| Vizeu (Memoria sobre algumas inscrições encontradas no districto de) | |

Sociedade dos Architectos Portuguezes, em 30 de junho de 1906.

| Nomes dos offerentes | VOLUMES | Observações |
|--|---------|-------------|
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria . . . | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 1 | |
| Architecto Alfredo Maria da Costa Campos..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 2 | |
| O auctor..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 4 | |
| Architecto José Alexandre Soares..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Camara Municipal de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 3 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Ministerio da Marinha e Ultramar..... | 1 | |
| Architecto José Alexandre Soares..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria..... | 1 | |
| Academia Real das Sciencias de Lisboa..... | 1 | |
| | 466 | |

O BIBLIOTHECÁRIO,
João Lino de Carvalho.

ASSEMBLÉA GERAL— Sessão de 13 de setembro de 1906

DELIBERAÇÃO

«Que a sala da bibliotheca esteja aberta para uso dos socios todos os dias uteis das oito horas á meia noite, sendo prohibida a sahida de livros da séde social.»

O BIBLIOTHECARIO,
João Lino de Carvalho.

206 8

SOCIEDADE DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

SOCIOS HONORARIOS E CORRESPONDENTES:

Alfredo de Andrade — Architecto — ITALIA

Francisco Marques de Souza Viterbo (Dr.) — Professor — LISBOA

| | |
|--|----------------|
| Aitchison George | INGLATERRA. |
| Belcher John | INGLATERRA. |
| Cadafalch Joseph Puig | HESPANHA. |
| Cannizzarro Eduard | ITALIA. |
| Chujo S. | JAPÃO. |
| Cuypers P. J. H. | PAIZES BAIXOS. |
| Horsfield J. Nixon | INGLATERRA. |
| Locke W. J. | INGLATERRA. |
| Mariscal Nicolas | MEXICO. |
| Nagy Virgil | HUNGRIA. |
| Peschl Hans | AUSTRIA. |
| Poupinel J. Maurice | FRANÇA. |
| Suzor Conde Paul de | RUSSIA. |
| Taylor James Knox | AMERICA. |
| Velasquez y Bosco Richard | HESPANHA. |
| Wagner Otto | AUSTRIA. |

